
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES COMO UM PROJETO
COLETIVO E DE IDENTIDADE PROFISSIONAL**

Kelle Cristina da Silva Vital Costa
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Fernanda Rossi

Bauru
Janeiro - 2016

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES COMO UM PROJETO
COLETIVO E DE IDENTIDADE PROFISSIONAL**

Kelle Cristina da Silva Vital Costa
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Fernanda Rossi

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências do campus de Bauru, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Bauru
Janeiro - 2016

Kelle Cristina da Silva Vital Costa (Orientanda): _____

Prof.^a Dr.^a Fernanda Rossi (Orientadora): _____

Prof.^a Ms. Catia Costa (Parecerista): _____

Prof.^a Dr.^a LÍlian Aparecida Ferreira (Parecerista): _____

Prof.^a Adj.^a Dagmar Ap. C. F. Hunger (Parecerista): _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e Nossa Senhora Aparecida, por permitir concluir esta etapa da minha vida.

Agradeço à minha mãe, Dinha, por desde sempre ser mãe, pai, amiga e companheira. Obrigada pela cumplicidade e por todo o amor que nos envolve. Agradeço por todos os valores transmitidos, apoio, incentivo e encorajamento para que eu não desistisse diante das dificuldades. Minha gratidão é imensurável, assim como o meu amor. Meu maior amor.

Agradeço ao Ronaldo, meu esposo, por seu amor, incentivo, dedicação, companheirismo e cumplicidade em todos esses anos. Obrigada por me encorajar e a todo instante reforçar o quanto sou capaz. Sem seu apoio, trilhar este caminho teria sido extremamente difícil.

Agradeço aos familiares, avó, primos e primas, tios e tias, aos meus sogros, e, em especial à tia Celinha e ao tio Bilú pelos ensinamentos compartilhados e pelo grande apoio durante a graduação e sempre. Agradeço também ao meu afilhado Lucas, que durante esta trajetória me fez conhecer outra forma de amar.

Agradeço à Doutora Fernanda Rossi, minha orientadora, pela parceria e dedicação no desenvolvimento deste trabalho. Por seu envolvimento, cumplicidade, paciência e por toda a doçura. Obrigada por sempre me encorajar, me acalmar, aconselhar e reforçar constantemente minhas qualidades e capacidades.

Aos verdadeiros amigos, que sempre compreenderam minha ausência e que mesmo longe fisicamente, sempre se fizeram presentes em minha vida e alegram-se desta conquista junto à mim.

À Mestre, Catia Costa e Doutoradas Lílian e Dagmar, que gentilmente aceitaram o convite de pareceristas.

Aos colegas de sala por todos esses anos juntos, pelas experiências, dificuldades e vitórias enfrentadas.

E por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta caminhada. Obrigada por me acalentarem em cada crise, angústia e dificuldade. Por toda palavra de apoio e por compartilharem comigo a alegria de cada passo dado no desenvolvimento deste trabalho.

Ouse fazer um desejo, pois, desejar abre caminhos para a esperança e ela é o que nos mantém vivos.

(Autor Desconhecido)

RESUMO

A presente pesquisa insere-se no campo da formação de professores, especialmente tematizando a formação continuada. Verifica-se, conforme a literatura, a importância desta formação para os docentes como uma espécie de *continuum*, trajetória na qual o professor vai (re)construindo seu conhecimento por toda a vida, de modo a proporcionar saberes e valores que agreguem na sua prática pedagógica. Porém, frequentemente as ações formativas são concebidas pelo modelo transmissor de conhecimentos do agente formador para o professor, desconsiderando os diferentes contextos das comunidades escolares, estratégia esta que dificilmente alcança as reais necessidades dos professores em seu cotidiano. Evidencia-se, também, a necessidade de proporcionar, nos momentos de formação, espaços para os professores dialogarem e refletirem sobre a profissão na atualidade, (re)construindo desse modo a sua identidade docente. Diante desse contexto, o objetivo desta pesquisa consiste em analisar se a formação continuada se configura como uma construção coletiva e como um espaço para a reflexão sobre o que significa ser professor. A pesquisa caracteriza-se pela abordagem qualitativa, e, para a coleta de dados, foi utilizada a técnica de entrevista semiestruturada. Os participantes foram cinco professores das áreas de Educação Física, História, Inglês, Língua Portuguesa e Matemática, de uma escola da rede estadual de ensino da cidade de Agudos (SP). Os resultados evidenciam a importância da formação continuada para os docentes, a qual proporciona reflexões, discussões, aquisição de saberes e conhecimentos que contribuem para sua atuação, motivando-os e desenvolvendo estratégias para que possam enfrentar os desafios do dia a dia e refletir coletivamente sobre o que significa ser professor. Conclui-se que a formação continuada para este grupo de professores se configura como espaço para construção coletiva, no qual juntamente com outros docentes repensam, refletem e reconstróem continuamente suas práticas e objetivos, e possibilita a reflexão sobre a profissão de professor constantemente. Faz-se imprescindível, portanto, que os docentes tenham espaços garantidos nas ações formativas e que estejam continuamente dispostos a buscar a participação efetiva, tornando-se protagonista de sua formação e da construção da profissão docente.

Palavras-chave: Formação continuada de professores. Identidade docente. Profissão docente.

ABSTRACT

This research is part of the field of teacher training, especially developed the topic of continuing education. There is, according to the literature, the importance of this training for teachers as a sort of continuum, trajectory in which the teacher will (re) building their knowledge throughout their lives, in order to provide knowledge and values that add to your practice teaching. However, often the training activities are designed for knowledge transmitter model forming agent for the teacher, disregarding the different contexts of school communities, this strategy which hardly reaches the real needs of teachers in their daily lives. It is evident, too, the need to provide, in training moments, spaces to engage in dialogue and reflect on the teachers profession today, (re) building thus their teacher identity. In this context, the objective of this research is to examine whether the continued formation is configured as a collective construction and as a space for reflection on what it means to be a teacher. The research is characterized by a qualitative approach, and to collect data, we used the semi-structured interview technique. Participants were five teachers in the areas of Physical Education, History, English, Portuguese and Mathematics, a state school Treble city education (SP). The results show the importance of continuing education for teachers, which provides reflections, discussions, acquisition of knowledge and skills that contribute to its performance, motivating and developing strategies to enable them to face the challenges of everyday life and reflect collectively on what it means to be a teacher. It was concluded that continuing education for this group of teachers is configured as a space for collective construction, which together with other teachers rethink, reflect and continuously reconstruct their practices and objectives, and enables reflection on the teaching profession constantly. It will be essential, therefore, that teachers have secured spaces in training activities and are continually willing to seek effective participation, becoming the protagonist of your training and the construction of the teaching profession.

Keywords: Continuing education of teachers. Teacher identity. Teaching profession.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	8
2 A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE.....	10
2.1 Formação continuada de professores.....	10
2.2 A profissão docente na atualidade e a identidade dos professores	14
3 METODOLOGIA	19
4- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	22
4.1 A Formação continuada e suas relações	22
4.2 A profissão e a identidade docente	30
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	46
APÊNDICE B- ROTEIRO DE QUESTÕES NORTEADORAS	47
APÊNDICE C- TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	48

1 INTRODUÇÃO

A atuação do professor consiste num processo de construção permanente. O conhecimento está sempre em construção, a tecnologia modifica-se e os contextos de atuação são diversos, ou seja, trabalha-se com indivíduos e realidades diferentes em cada ambiente.

A formação inicial, de modo geral, capacita no âmbito de tornar o professor apto a adentrar no contexto escolar, proporcionando, durante o curso de graduação, o conhecimento de um rol de disciplinas do campo educativo e específico da área. Porém, determinadas problemáticas emergem quando o professor entra em exercício na escola, a realidade mostra-se complexa em razão da diversidade dos alunos, contextos, cultura, entre outros. Aos poucos, verificamos que a formação inicial não é suficiente para atender inteiramente as demandas profissionais, sendo necessária a reflexão constante dos conhecimentos, do processo de ensino e aprendizagem da profissão docente.

A formação continuada constitui-se não como desvinculação da formação inicial, mas sim como um processo contínuo à formação, pertinente à área de atuação do professor e de formação pedagógica geral. Como traz Marin (1995), citada por Rossi (2013, p. 63), significa considerar todo o processo formativo como um “*continuum*”, visto que tem como eixo a produção do conhecimento e não apenas uma atualização ao docente.

Entretanto, o que verificamos é que grande parte dos cursos de formação ocorre por meio de transmissão de conteúdos, em cursos padronizados nos quais os professores apenas recebem conhecimento de alguém considerado “*expert*” da área. Conforme Imbernón (2009, p. 9), o professor atua apenas como participante de uma “*estupidização formativa*”, sem alguma participação ativa ou efetivamente de intervenção específica.

Nos cursos de reciclagem oferecidos pelas universidades os professores muitas vezes são tratados como se não tivessem um saber, têm que se partir do zero, como se não tivessem ao longo de sua profissão construído um saber, principalmente um saber da experiência, que tem de entrar em confronto e interlocução com os saberes academicamente produzidos. (CANDAU, 1997, p. 60-61).

Diante deste quadro, surge o questionamento: Será que as ações de Formação Continuada atendem às necessidades reais dos professores? São construídas com base nas problemáticas do contexto escolar e desenvolvidas na perspectiva reflexiva? Contribui para a reconstrução da identidade dos professores?

Entendemos que os locais de atuação são distintos, os alunos, a comunidade, o contexto social, são, por vezes, completamente diferentes, e, diante disso, a Formação Continuada baseada na transmissão de conhecimentos não é capaz de suprir as reais necessidades dos professores, tendo em vista que tal transmissão e a problematização dos

conflitos existentes são abordadas de modo genérico, apresentando soluções que em algum momento e em algum local foram positivas, mas que não podem ser apresentadas como solução universal.

É importante ressaltarmos a necessidade de se construir a formação coletivamente entre professores, agentes formadores, pesquisadores, etc., visando às contribuições provenientes das discussões e reflexões, todos os frutos gerados pela interação, onde se compartilham contextos diferenciados, experiências, problemas, desilusões e também acertos, possibilitando assim a criação de novos métodos de intervenção para a prática cotidiana, de modo que possam resultar em novas soluções e para que professores compartilhem também a reflexão sobre qual é o seu papel na sociedade.

Desse modo, a formação continuada se configura como um espaço rico para produzir reflexões, debates e estudos sobre o processo de ensino e aprendizagem e a condição da profissão docente na contemporaneidade.

Os professores cada vez mais devem entender o seu papel, impor-se e agir nos espaços de atuação, assumindo de fato a responsabilidade na docência e também ter voz, manifestando-se sobre a formação desejada que necessite receber e produzir. O professor deve assumir o papel de protagonista e dispor-se a ser participativo, reflexivo e ativo, dando voz às suas necessidades, não podendo apenas reivindicar mudanças, mas também modificando a sua atuação e formação enquanto docente (IMBERNÓN, 2009).

Diante desse contexto, esta pesquisa tem como objetivo analisar se a formação continuada se configura como uma construção coletiva e como um espaço para a reflexão sobre o que significa ser professor.

Esperamos contribuir para a ampliação do conhecimento no âmbito da formação continuada de professores da educação básica, particularmente em relação à construção da identidade docente, ao dar voz aos professores em exercício, concebidos como construtores de sua formação e profissão.

2 A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

2.1 Formação continuada de professores

Na presente seção objetivamos situar a configuração da formação continuada de professores na atualidade, buscando refletir como esta prática poderia corresponder com maior eficácia às problemáticas da realidade escolar e o papel do professor no contexto da própria formação.

A formação inicial atinge seu objetivo no âmbito de proporcionar aos graduandos um conhecimento básico em um rol de disciplinas (gerais e específicas) para adentrar no mercado de trabalho, porém, a profissão é uma construção contínua e somente a formação inicial não dá conta de atender a todas as necessidades existentes e encontradas no ambiente escolar, sendo necessária a constante busca por conhecimento. Na dinâmica social em que vivemos este conhecimento não é permanente, está sempre em construção.

Nascimento (1997) define a formação continuada como as atividades que:

[...] se realizam no próprio local de trabalho dos professores e outras atividades que, apesar de não estarem inseridas no espaço de trabalho, são organizadas e/ou geridas pelas instâncias superiores dos sistemas de ensino e oferecidas aos professores que deles fazem parte, tendo as realidades escolares concretas a que estão vinculados estes professores como referência fundamental (1997, p. 70).

Entretanto, não é suficiente para atender as reais necessidades dos docentes, sendo uma forma tradicionalmente adotada como a atualização ou reciclagem, na qual o professor atualiza a formação recebida por meio de cursos de pós-graduação, congressos, encontros orientados, entre outros (CANDAU, 1997, p. 52).

Nóvoa (1995, p. 22) identifica também a necessidade de incluir nesta formação elementos que consistam na “[...] qualificação para o desempenho de novas funções (administração e gestão escolar, orientação escolar e profissional, educação de adultos e etc.)”.

Diante deste quadro, notamos a necessidade de uma reformulação dos processos de formação continuada para melhor adequação da realidade do profissional, buscando proporcionar contribuições significativas à docência.

É inegável que a aprendizagem de novos conteúdos específicos da área disciplinar do professor ao longo de sua carreira são importantes, mas principalmente em virtude da dificuldade constatada na atuação profissional, seja relacionada à gestão escolar, às diversas

características e interesses dos alunos, à desvalorização da área e do professor, constatamos a necessidade de avançar para uma formação reflexiva e que inclua tais aspectos da profissão docente.

Sobre os discursos no campo educacional referente as inovações na formação continuada, pouca mudança se nota. O professor continua sendo participante passivo de um processo de formação o qual, embora aborde conteúdos de sua área, fica somente no campo da transmissão do conhecimento ou atualização, não havendo espaço para que o professor dialogue e construa esta formação, sendo apenas receptor de conhecimento transmitido por um *expert* da área. Imbernón (2009, p. 9) ilustra esse modelo de formação como:

cursos padronizados implementados por “*experts*”, nos quais os professores são considerados como ignorantes [...] que participam de sessões formativas com *experts* que os “culturizam e iluminam” profissionalmente. (IMBERNÓN, 2009, p.9).

Gómez afirma que:

[...] nas situações decorrentes da prática não existe um conhecimento profissional para cada caso-problema, que teria uma única solução correcta. O profissional competente actua refletindo na acção, criando uma nova realidade, experimentando, corrigindo e inventando através do diálogo que estabelece com essa mesma realidade. (GÓMEZ, 1995, p. 10).

Nesse sentido, “não podemos separar a formação do contexto de trabalho [...] assim, tudo o que se explica não serve para todos nem em todo lugar” (IMBERNÓN, 2009, p. 10).

É necessária uma reformulação nos programas de formação continuada, adequando-o as reais necessidades dos professores, porém, o processo não é simples. Mudanças sempre geram “fenômenos de resistência pessoal e institucional” (NÓVOA, 1991, p. 32 citado por NASCIMENTO, 1997, p. 80). Além disso, há a cultura escolar que já está enraizada por anos, e, propor uma inovação, é um trabalho a longo prazo. “[...] Exigem necessariamente repensar a formação de professores, tanto no que se refere à formação inicial, como à formação continuada” (CANDAU, 1997, p. 51). Portanto, para que haja inovação nas práticas, é extremamente essencial a disponibilidade e intencionalidade do professor.

Hernández (1998, p. 1) destaca em seu estudo a preocupação com o interesse e disposição dos docentes, quando se refere “ao número de professores que, mais ou menos preocupados com o aperfeiçoamento didático e a renovação, participam a cada ano de seminários e grupos de capacitação”. E em seguida, fala sobre o posicionamento de professores frente a situações inesperadas e a possível tomada de decisões:

[...] se esta [nova situação] se encaixar e não criar conflito ou se incidir em um aspecto específico, mas não alterar totalmente a sua ação, será assumida; do contrário, será rejeitada ou adotada de forma fragmentária e frequentemente inadequada. (HERNÁNDEZ, 1998, p. 5).

Faz parte, também, a colaboração da gestão escolar, onde deve haver respeito, liderança, democracia, participação dos membros, apoio externo, dentre outros aspectos.

Assim afirma-se:

[...] considero urgente e necessário conhecer as estratégias que têm sido utilizadas pelos professores na construção coletiva dos saberes docentes, para qual se possa lutar por uma escola mais solidária e competente, que possa contribuir para uma mudança social. (NASCIMENTO, 1997, p. 89).

O objetivo dessas inovações deve, além de proporcionar avanço para os alunos na educação básica e em sua formação, contribuir também para a formação e desenvolvimento do docente, pois gera estímulo e motivação para que o professor atue em prol da inovação e que possa agir de maneira diferenciada em relação à demanda das situações encontradas nas instituições de ensino.

O professor, antes de tudo, deve ser reflexivo de modo a visualizar, repensar e modificar aquilo que for necessário, e os projetos de formação continuada elaborados nesta perspectiva tendem a proporcionar este desenvolvimento.

García (1995, p. 60) aponta a “[...] necessidade de formar professores que venham a reflectir sobre a sua própria prática, na expectativa de que a reflexão será um instrumento de desenvolvimento do pensamento e da acção”.

E Pimenta (2002, p. 24) complementa:

a transformação da prática dos professores deve se dar, pois, numa perspectiva crítica. Assim, deve ser adotada uma postura cautelosa na abordagem da prática reflexiva, evitando que a ênfase no professor não venha a operar, estranhamente, a separação de sua prática do contexto organizacional no qual ocorre. (PIMENTA, 2002, p. 24).

Qualquer processo de mudança que possa ocorrer no sistema educativo, o professor é o principal executor das ações dentro da organização escolar. Temos então, um grande desafio. Nesse sentido, cabe refletir sobre transformar a escola no lócus da formação continuada, como enfatizam Candau (1997) e Nascimento (1997).

A formação continuada abordada de forma clássica distancia-se dos problemas práticos do professor, contribuindo apenas em termos específicos de conhecimento, deixando

distante outras possibilidades, pautando-se apenas na transmissão e atualização, sem, por exemplo, proporcionar um espaço para uma participação efetiva do docente.

Abordam-se conteúdos que nem sempre o professor consegue colocar em prática em seu campo de trabalho, pois a realidade é diferente e a forma de construir, desconstruir e reconstruir seu conhecimento dá-se pela prática no seu dia a dia. O próprio local de trabalho é o espaço para aquisição de novos saberes, uma vez que é na instituição e no cotidiano que se caracteriza o espaço de construção de conhecimento por ambas as partes: alunos e docentes.

É, portanto, neste espaço, contexto do trabalho docente, que se torna possível a reflexão sobre a prática real, a discussão, a troca, a busca de soluções para os problemas do cotidiano, que podem constituir um importante instrumento de formação dos professores. (NASCIMENTO, 1997, p. 82).

Entretanto, o fato de estar na escola e desenvolver uma prática educativa não são suficientes para que seja superado o modelo clássico. “Para que ele se dê, é importante que essa prática seja uma prática reflexiva, uma prática capaz de identificar os problemas, de resolvê-los [...]” (CANDAU, 1997, p. 57).

Assim, é necessária uma reestruturação social, moral e pessoal do professor, na qual ele deve exercer o papel ativo em sua formação, uma vez que é o responsável pelas ações educacionais executadas perante aos alunos. Imbernón (2009, p. 37) afirma que:

o objetivo dessa reestruturação deveria ser ressituar o professorado para ser protagonista ativo de sua formação em seu contexto trabalhista [...] e isso será conseguido mediante a mudança de políticas educativas auxiliada pela reivindicação dos professores, reivindicação de uma maior autonomia profissional, de sua capacidade para se formar e gerar mudanças [...]. (IMBERNÓN, 2009, p. 37)

Concluimos, conforme Silva (1997, p. 77) que:

finalmente, parece-nos urgente o desenvolvimento, nas escolas, de uma dinâmica de formação contínua que seja capaz de mobilizar todos os intervenientes do processo educativo, a que as instituições de ensino superior não devem ficar alheias (SILVA, 1997, p.77).

Na sequência dessa revisão da literatura refletimos sobre o que significa ser professor na atualidade, ou seja, qual a sua função e como ele próprio se vê e é visto pela sociedade.

2.2 A profissão docente na atualidade e a identidade dos professores

Nessa seção buscamos contextualizar a profissão docente na atualidade, a função do professor na sociedade, bem como o que significa ter uma identidade docente, ou ainda, o que significa ser professor.

A profissão docente, por vezes, é vista com desencanto, embora ainda seja de um modo geral considerada uma profissão essencial ao desenvolvimento humano e à formação do cidadão, mas ainda sim a desvalorização por ambos os lados, sociedade e docentes, está bem acentuada, sendo caracterizada por elementos visíveis, como, questão salarial, desrespeito, falta de apoio, dentre outros. Com frequência, encontramos profissionais decepcionados, frustrados e desmotivados em suas práticas, sem qualquer ou pouca expectativa de mudança e sem voz ativa nos programas que incentivam as mudanças e o desenvolvimento profissional. Torna-se clara esta ideia no pensamento a seguir:

A sociedade parece que deixou de acreditar na educação como promessa de um futuro melhor, os professores enfrentam a sua profissão com uma atitude de desilusão e de renúncia, que se foi desenvolvendo em paralelo com a degradação da sua imagem social. (ESTEVE, 1999, p. 95).

Ao longo da carreira, por diversos motivos, como, insatisfação salarial, desvalorização profissional, falta de apoio da gestão escolar, jornada de trabalho elevada, entre outros, o professor, muitas vezes, perde o significado e o prazer de sua atuação.

Podemos relatar aqui diversos motivos, porém, devemos ressaltar que o professor, independentemente da área, necessita ter um espaço para pensar e repensar sua atuação e sua identidade enquanto profissional. Um espaço onde possa discutir as questões cotidianas, onde haja troca de experiências que gerem conhecimentos. A contribuição para a mudança tornar-se-ia mais significativa se o professor fosse protagonista de sua formação.

Gómez (1995, p. 110), defende que “[...] na prática profissional, o processo de diálogo com a situação deixa transparecer aspectos ocultos da realidade divergente e cria novos marcos de referência, novas formas e perspectivas de perceber e de reagir”.

Por vezes, o professor é visto com apenas uma necessidade específica: absorver conhecimentos específicos, com a missão de transmitir aos seus alunos, sendo desconsiderados, nesta formação, os diversos contextos e indivíduos envolvidos, os quais possuem suas necessidades e particularidades.

Para que ocorram mudanças, faz-se necessária a restauração nas atitudes dos docentes e também da sociedade, e se coloquem em prática as modificações desejadas. Do

contrário, dificilmente inovações serão concretizadas. O ato de ensinar hoje é diferente do que era há 20 anos, por exemplo.

Em razão da mudança social acelerada e evoluções constantes, o professor muitas vezes enfrenta situações onde é necessário rapidamente reorganizar suas ações e repensar a maneira de agir em um pequeno espaço de tempo, e, portanto, nem sempre os resultados são satisfatórios. Por ser o principal representante da educação formal, as críticas que evidentemente aparecem, recaem sobre os docentes, sendo caracterizados como “responsáveis imediatos pelas falhas do sistema de ensino” (ESTEVE, 1997, p. 97).

Os efeitos negativos e permanentes causados aos docentes em decorrência das mudanças e atribuições de culpa que afetam diretamente a personalidade e satisfação do professor podem caracterizar-se como um “mal estar docente” (ESTEVE, 1999, p. 97), e, para sua superação observamos três distintos aspectos, conforme ressalta o autor: o primeiro indica que o professor elimine o desajuste causado por eventuais mudanças, buscando as causas que levaram a esse desajustamento, alcançando assim uma forma de agir mais adequada diante das novas situações e procurando responder aos questionamentos surgidos.

Outro ponto é voltado para “o estudo da influência da mudança social sobre a função docente” (ESTEVE, 1999, p. 98), como mecanismo que auxilie a sociedade a compreender as dificuldades encontradas pelo professor na prática docente. Dificuldades essas que muitas vezes possuem relação com problemas sociais, e então requerem soluções externas e sociais. Entretanto, na visão da sociedade, o professor sendo responsável pelo ensino é também responsável pelo fracasso, e isso contribui para o mal estar docente.

E, como terceiro aspecto, destaca-se a necessidade de repensar meios de intervenção que possam minimizar este mal estar docente causado por diversas variáveis e também pelas mudanças sociais, retirando o papel do docente como exclusivo culpado e agindo de forma a intervir na sua formação.

Diante de uma “evolução social e da transformação dos sistemas educativos”, (NÓVOA, 1999, p. 28), o valor da escola e da profissão docente aos poucos foram deixados para trás, sendo então extremamente necessário um resgate aos princípios e ideais que por tanto tempo nortearam esta profissão e a consideraram como elemento de valorização social.

Mostra-se claro que a discussão e construção de outros aspectos pertinentes à atuação, durante as ações de formação, tornam-se relevantes e alcançam de fato a realidade do professor, que vivencia diferentes questões e situações. Embora não haja uma receita para ser professor, sempre existem alternativas para ministrar aulas e resolver conflitos, porém, às vezes, são desconhecidas pelo docente.

Por vezes, essas questões não são solucionadas de maneira satisfatória, ou tornam-se situações frustrantes, pois embora não haja uma receita para ser professor, sempre existem alternativas para ministrar aulas e resolver conflitos, porém, às vezes, são desconhecidas pelo docente.

Os professores precisam reencontrar-se, resgatar valores adormecidos e reestruturar o sistema educativo no qual se encontram. Para tanto, é necessário que o professor queira ser integrante destas modificações e estar motivado, almejar condições de progressão, autonomia e apoio. Diante disso, se faz necessário repensar e reconstruir a identidade docente, situando-se como o protagonista desta história.

Os professores encontram-se numa encruzilhada: os tempos são para refazer identidades. A adesão a novos valores pode facilitar a redução das margens de ambigüidade que afectam hoje a profissão docente. E contribuir para que os professores voltem a sentir-se bem na sua pele. (NÓVOA, 1999, p. 29).

Mas, o que significa ter uma identidade profissional docente?

Como traz Dubar (1997), citado por Rossi (2013, p. 194) “a identidade resulta de socializações de natureza diversa ao longo da vida incluindo a socialização antecipatória (antes do ingresso na formação profissional), a formação inicial e continuada”.

A identidade não se constrói a partir do momento em que o professor começa a exercer sua profissão na sala de aula. Pelo contrário, ao pensar em ser professor, já se inicia uma construção da identidade decorrente de fatores que o levaram a tomar esta decisão, a visão que ele tem do que é ser professor e ao visualizar como será sua atuação, por exemplo.

Desde então, esta identidade começa a ser construída mesmo que inconscientemente, pois, ao enxergar-se como professor, mesmo que em um futuro distante, o indivíduo já começa a visualizar determinadas situações com outros olhos, faz projeções considerando sua forma de agir como profissional em diferentes contextos e situações.

A respeito do processo de construção permanente da identidade, Dubar (1997, p. 25) citado por Pimenta e Lima (2004, p. 64) ressaltam:

[...] o processo identitário autoalimenta-se da vontade de “nunca ser aquele que todos julgam que é” que encontra no ato de formação sua última confirmação. À pergunta “mas afinal, quem é você” o indivíduo só pode responder “eu estou em formação”. (DUBAR, 1997, p. 25 citado por PIMENTA e LIMA 2004, p. 64, grifo do autor).

Fischmann (1994, p. 62) citado por Pimenta e Lima (2004, p. 65), conclui que “a nossa identidade se constrói a partir da intersecção das circunstâncias que nos cercam com os desejos que trazemos”.

A profissão gera diversos frutos, mas dificilmente paramos para analisar sobre isso, porém, essa análise consciente (mesmo que a identidade por vezes seja desenvolvida inconscientemente) é necessária, pois gera um conhecimento sobre si mesmo, descobertas, inovações que consequentemente são válidas e construtivas, tanto para o professor atuante, quanto para o indivíduo no âmbito pessoal.

Discutir sobre a profissão é tão importante quanto estar no exercício dela, já que por meio destas discussões e interações com o outro, é possível analisar como está sendo sua prática enquanto professor e como poderia ser reestruturada, além da troca de experiências. Mediante este conjunto, o professor agrega novos valores, desfaz-se de outros, gerando a (re)construção da sua identidade docente, a qual nunca está acabada, pois sua construção é contínua e por toda vida.

Pimenta e Lima (2004, p. 268) dizem que as identidades “[...] são marcadas por especificidades decorrentes do jeito de ser de cada um de nós, uma vez que nossas características pessoais são únicas e intransferíveis”.

O campo de formação continuada pode ser o local onde o professor desmotivado pode vir a motivar-se novamente, onde se descobre uma nova visão profissional ou desperte reflexões que estavam adormecidas, sendo extremamente significativas. Nada disso, porém, é possível se não houver um espaço para o relacionamento com o outro e consigo mesmo, onde possam ser discutidas as várias representações históricas e culturais acerca da profissão e como essas possibilidades e expectativas estão relacionadas com a realidade (GUIMARÃES, 2004).

A formação continuada não pode ser concebida como um meio de acumulação [...], mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal e profissional, em interação mútua. E é nessa perspectiva que a renovação da formação continuada vem procurando caminhos novos de desenvolvimento. (CANDAUI, 1997, p. 64).

O que provém disso, são novos meios de enxergar e relacionar-se com os conflitos encontrados no decorrer da docência, e é neste contexto de realidade que a identidade construída pelo professor o conduz ao entendimento de determinado conflito, uma tomada de decisão ou, por exemplo, postura perante diversas circunstâncias.

Pimenta (1999), citada por Pimenta e Lima (2012, p. 67), afirma:

uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão [...]. Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente em seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de

seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor.

Caminham sempre juntos o processo de formação do professor com relação aos saberes e práticas pedagógicas que se modificam constantemente (confrontando suas práticas e o contexto escolar), e a oportunidade de dialogar sobre elas dentro da própria instituição em que atua (PIMENTA; LIMA, 2012).

Requer uma reestruturação no desenvolvimento do professor, o qual está marcado por um grande desgaste. E não há agente melhor para identificar as necessidades do que o próprio docente. Cabe a ele não só papel de executor, mas sim de autor de suas práticas e ações. Assim, tem prioridade para definir e ser participante ativo dos programas existentes que visam ao aprimoramento docente. Como traz Nóvoa (1999, p. 30, grifo do autor):

[...] é a possibilidade de um *desenvolvimento profissional* (individual e colectivo), que crie as condições para que *cada um* defina os ritmos e os percursos da sua carreira e para que o *conjunto* dos professores projecte o futuro desta profissão, que parece reconquistar, neste final de século, novas energias e fontes de prestígio. (NÓVOA, 1999, p. 30, grifo do autor).

Para gerar uma nova profissão docente, Nóvoa (1999, p. 3) acredita que “o projeto de uma autonomia profissional, exigente e responsável, pode recriar *a profissão professor* e preparar um novo ciclo na história da escola e de seus actores” (NÓVOA, 1999, p. 31, grifo do autor).

Diante do exposto, entendemos que a formação continuada tem como papel ir além da produção dos conhecimentos técnicos, dos conteúdos específicos de uma área, tem o papel de ser, também, espaço para externar a profissão docente por meio do ato de repensar suas práticas, suas concepções e a situação da própria profissão na sociedade.

3 METODOLOGIA

Esse trabalho foi realizado por meio da pesquisa qualitativa, que

envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. (GODOY, 1995, p. 58).

Nesse tipo de pesquisa o pesquisador e participante estão em constante contato, buscando uma construção social por meio da interação entre as partes.

Assim, não se pode deixar de destacar a presença do pesquisador no espaço de geração de dados do estudo, e a sua ação de compreender e apreender os significados resultantes do processo, e com possibilidade de delinear novos traços à pesquisa, levando em consideração aspectos pertinentes e válidos que surgirem no percurso (ALVES, 1991, p. 55).

Os participantes desta pesquisa são cinco professores (as) da educação básica (identificados pelas siglas P1 a P5), sendo quatro do sexo feminino e um do sexo masculino, compreendendo a faixa etária entre 40 e 55 anos. Atuam em escola estadual de Ensino Fundamental e Médio, na cidade de Agudos (SP), e dois atuam, também, na rede privada de ensino. O quadro abaixo apresenta o perfil dos docentes:

Professora 1 História	Licenciada em História (1998), recentemente concluiu a graduação em Ciências Sociais. Atua no Estado desde 2000.
Professora 2 Língua Portuguesa	Formou-se em Letras - Português (1991), especializou-se em Literatura Clássica (1997) e graduou-se em Pedagogia (2012). Em 2005 tornou-se Mestre em Comunicação.
Professor 3 Matemática	Formado em Matemática, Química e Física há 25, 4 e 3 anos, respectivamente. Professor na rede estadual há 25 anos e na rede privada há 21, ministrando a disciplina de Matemática.
Professora 4 Educação Física	Formou-se em Educação Física em 1989 e posteriormente cursou Pedagogia para complementar seu trabalho como professora.
Professora 5 Matemática	Atua há mais de 25 anos como professora de Matemática, é formada em Ciências com habilitação em Matemática e possui especialização em Ciências e Matemática. Atua também na rede privada.

Os participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (conforme modelo constante no Apêndice A), autorizando a publicação das informações prestadas, bem como estão cientes de que seus nomes serão mantidos em sigilo durante toda a investigação e publicação dos resultados.

As técnicas de pesquisa utilizadas foram a pesquisa bibliográfica e a entrevista semiestruturada. A pesquisa bibliográfica fundamentou o estudo mediante a análise da produção da literatura sobre a temática investigada, com o objetivo de aprofundar os tópicos apresentados na revisão de literatura deste projeto.

Para dar voz aos professores, foi utilizada a técnica de entrevista semiestruturada, com base em um roteiro de questões previamente elaborado com o princípio de nortear a entrevista, mas possibilitando a inclusão de novas questões que eventualmente pudessem surgir no decorrer do diálogo entre entrevistadora e professor (a), e, desta forma, permitiu a inclusão de outras questões relevantes pertinentes ao assunto.

Para elaboração das perguntas norteadoras, refletimos sobre nosso objetivo e desenvolvemos questões pertinentes ao tema, no intuito de levar os docentes a refletirem sobre a problemática em questão. Para o desenvolvimento das questões foram definidos os seguintes eixos de análise: a) a participação dos professores em ações de formação continuada; b) contribuições da formação continuada para a prática pedagógica e c) a formação continuada como espaço para refletir sobre o que significa ser professor.

Diante disso, o roteiro para direcionar as entrevistas foi pré-elaborado com questões que constam no Apêndice B.

A análise dos dados foi realizada por meio da fundamentação proposta por Bardin (2009), sendo os dados evidenciados e sistematizados, de modo a trabalhar com suas descrições a fim de permitir a compreensão dos sentidos dos relatos apresentados, e principalmente a possibilidade de obter, por meio destes, novos significados, mediante a busca de compreensão para além das palavras.

A primeira etapa realizada (pré-análise) consistiu na escolha dos documentos a serem analisados, sendo neste trabalho, as respostas dos docentes às perguntas da entrevista semiestruturada. Em segundo momento (etapa de exploração dos materiais), os dados foram sistematizados e agregados em unidades e em última etapa (tratamento dos resultados e interpretações), ocorreu a análise dos dados à luz dos referenciais teóricos e reflexões, de modo a propor inferências para produzir novos significados e descobertas com base no conteúdo dos relatos e dos objetivos propostos.

Ao olhar para os dados obtidos, refletiu-se sobre como articular os resultados, a literatura e os objetivos da pesquisa, contemplando ao máximo as percepções emitidas pelos docentes e buscando desenvolver uma sequência nas análises (participação, importância, conteúdos, reflexão, “ser” professor, entre outros).

Seguido a isso, estabeleceram-se dois eixos para que as questões pudessem ser discutidas à luz da literatura no próximo capítulo, a saber: “A formação continuada e suas relações”; “A profissão e a Identidade Docente”.

4 ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Direcionando o olhar para os dados obtidos nas entrevistas e estudo da literatura, foi possível estabelecer dois eixos de análise dos dados: “A formação continuada e suas relações” e “A profissão e a Identidade Docente”.

No eixo “A formação continuada e suas relações” são discutidas a importância da formação continuada, participação e conteúdos dessa formação, contribuições para a atuação profissional e elaboração e participação nas ações de formação continuada.

No eixo “A profissão e a Identidade Docente” são abordadas questões especificamente sobre o “ser” professor: Como o professor se percebe na profissão docente, os significados de ser professor, a abordagem da reflexão sobre o que é ser professor no contexto da formação continuada, a formação como construção coletiva, a identidade docente, e, por fim, sugestões dos professores para as ações de formação continuada.

4.1 A Formação Continuada e suas relações

a) Importância da Formação Continuada

Durante sua trajetória, alguns professores constataam que os conhecimentos obtidos na graduação são insuficientes para atender a demanda escolar, as necessidades dos alunos e os desafios enfrentados na sala de aula. Diante desta configuração, os professores vem buscando participar das ações de formação continuada de maneira a complementar sua formação. A Professora 2 emite esta percepção quando diz:

a formação continuada é necessária para enfrentar os grandes desafios da sala aula. Se o professor que termina a sua graduação achar que aquilo é o suficiente, aí está o grande equívoco, porque se ele não continuar estudando, vendo as novas teorias, ou até analisando teorias antigas comparando com as teorias novas, ele não vai conseguir fazer um bom trabalho em sala de aula. E mesmo porque o professor, ele precisa estar atualizado. (P2)

De modo geral, todos os docentes participantes desta pesquisa consideram a formação continuada como ação formadora que contribui para o desenvolvimento de seu papel de educador. O P3 complementa sua importância também para a “*formação pessoal*”.

Por meio da formação continuada, é possível que o docente aprimore seus conhecimentos, se atualize e acrescente saberes à sua formação profissional e pessoal. Como

apresenta Marin (1995) citada por Rossi (2013, p. 63) significa um “*continuum*” de seu processo formativo.

Imbernón (2009, p. 60-61) sugere uma formação,

[...] em que se dê o desenvolvimento de habilidades individuais e grupais de intercâmbio e diálogo a partir da análise e discussão conjunta no momento de explorar novos conceitos para conhecer, compartilhar e ampliar metas do ensino e as informações de cada um sobre determinado assunto (IMBERNÓN, 2009, p. 60-61).

Assim, propõe a troca de experiências, compartilhamentos de angústias, desafios, novas estratégias e entusiasmo por quais todos os docentes passam, e, por vezes, sentem-se perdidos sem saber como agir ou qual nova estratégia adotar.

Acho importantíssima porque a gente aprende ensinando continuamente, o tempo todo a gente está aprendendo e aprendendo com eles também ali no cotidiano e sempre tem alguma coisa prá aprender. Então a gente tem que estar buscando conhecimento sempre [...]. (P4).

Diante dos resultados obtidos, é possível captar a percepção dos professores no que se refere à importância dessas formações, as quais consideram como espaço para a aquisição de novos conhecimentos:

É importante porque na nossa área, a educação, os novos conhecimentos e as novas tecnologias estão sempre avançando. (P1).

[...] Por isso o professor tem que mudar, tem que estudar, tem que ir aprendendo com tudo que surge na sociedade, as inovações prá que ele possa desenvolver isso também em sala de aula [...]. (P2).

Em face das constantes modificações nas quais estão inseridos os docentes, vê-se necessário que o professor esteja aberto às mudanças e disposto a repensar suas práticas, receptivo a novos conteúdos e inovações e que complemente sempre sua formação e conhecimentos: “[...] Se você fica parado, você perde oportunidade, de aprimorar seu conhecimento e levar isso para a sala de aula e pro aluno” (P1), já que as constantes modificações do mundo e, principalmente no aspecto tecnológico, por exemplo, fazem parte do contexto dos alunos, e complementa:

[...] mesmo porque o professor, ele precisa estar atualizado. Olha as novas tecnologias... Se o professor que entra na sala de aula não dominar as novas tecnologias [...] e se ele não estiver aberto pra isso, porque o que ele fala em sala de aula, o aluno às vezes é só clicar no celular, ele acha tudo. Então o professor tem que estar aberto, tem que conhecer e inovar suas aulas também através das novas tecnologias pra que o aprendizado não seja só o professor falando, mas que ele perceba que o conhecimento está em todos os lugares. (P1).

O professor deve assumir seu papel de protagonista e, sobretudo estar disposto a enfrentar os desafios e ir em busca de mudanças em sua atuação e sua formação docente para que a relação de ensino e aprendizagem se torne mais significativa (IMBERNÓN, 2009).

P1 ainda complementa:

[...] o aluno hoje, ele tem acesso a uma gama de tecnologias, de instrumentos e o professor tem que estar preparado para esse novo tempo. Então a formação continuada pra mim, ela é importante por causa disso. Prá você estar atualizada.

Desta forma, fica evidente que todos os docentes, cada qual com seus motivos, consideram importante as ações de formação continuada que são desenvolvidas, a fim de complementar sua formação constantemente e manterem em evolução para aprimorar seus conhecimentos e também atender, de maneira significativa, as necessidades de seus alunos.

b) Participação e Conteúdos da Formação Continuada

Todos os professores participam dos cursos de formação continuada no mínimo uma vez ao ano. Um deles (P5) frequenta as ações oferecidas pela rede pública (inclusive em universidade) e particular, e outro (P3) somente na rede particular, em virtude da indisponibilidade de tempo. Os demais participam das ações oferecidas pela Secretaria da Educação.

Dentre os motivos que os levam a buscar ou não as ações de formação continuada, podem-se destacar a indisponibilidade de tempo para participar ou participar mais vezes ao longo do ano e a busca (provenientes de necessidades pessoais) por conta própria de alguns. “Participo. Olha, eu procuro fazer os cursos que a secretaria da educação oferece, pelo menos todo ano tenho feito um ou dois cursos. Às vezes não faço mais por falta de tempo” (P1).

Sim, participo de ações de formação continuada. A frequência disso? Todas as vezes que tenho oportunidade. Todas as oportunidades que aparecem de formação, eu tenho participado, às vezes uma necessidade que eu tenho, também tenho ido atrás, porque sem formação não dá. (P2).

Enfim, o governo incentiva esse tipo de formação, só que muitas vezes a maioria dos professores não consegue participar porque eles têm jornada dupla. Porque o salário hoje é tão baixo que a gente tem que se sujeitar a isso. (P3).

Eu já fiz vários cursos de formação continuada. Sempre que possível, participo há cada 2 anos. Ultimamente tenho feito aqueles seminários oferecidos pela UNESP que tem dois por ano, vou lá, faço um. O último foi no ano passado, esse ano não fiz. (P5).

Há destaque sobre o acesso facilitado por meio dos cursos on-line oferecidos, possibilitando a capacitação sem a necessidade de abrir mão da carga horária.

Com a carga horária grande que a gente tem, sobrando uma brechinha a gente faz os cursos online que são oferecidos e que a gente pode adequar ao nosso horário. Eu acho que essa novidade do EAD¹, a gente pode ter mais oportunidades de fazer mais capacitações e mais orientações pra nossa prática com o EAD. (P4).

Apenas P3 relatou a impossibilidade de participar das ações de formação oferecidas pela Secretaria da Educação, pois, tem jornada dupla e apenas participa das ações elaboradas pela instituição particular na qual atua.

Candau (1997) e Nascimento (1997) sugerem como estratégia para melhor adesão dos docentes, a transferência do lócus da formação continuada para a própria escola, pois este é um espaço de aprimoramento e, também, porque “não podemos separar a formação do contexto de trabalho” (IMBERNÓN, 2009, p. 10), o que poderia possibilitar maior participação dos professores, reflexões e atuações como protagonistas.

As apropriações e construções obtidas nessas formações originam-se com base na apresentação de diferentes conteúdos, como as novas tecnologias (Tecnologias de Informação e Comunicação), conteúdo este citado por três docentes que valorizaram sua importância e necessidade: “[...] tecnologia tem se falado muito, o uso de novas tecnologias no ensino. Tem abordado mais este tipo de questão” (P5). Seguidos de conteúdos referentes aos direitos humanos, diversidade, práticas pedagógicas e educativas, direcionados à educação como um todo e às disciplinas específicas de cada área, currículo, informática e eletrônica. P1 relata:

eu tenho participado de alguns específicos da minha área, então eu fiz de direitos humanos, mas tenho participado também de alguns voltados pra educação. Os de tecnologia em sala de aula, a diversidade, um curso pra saber trabalhar com a diversidade gay, lésbicas, transsexuais, transgêneros, tanto parte psicológica como parte de legislação, então procuro dos que oferecem os que me sinto mais atraída e trabalha a educação como um todo. Mas assim, os da área são mais interessantes.

P2 considera relevantes os conteúdos abordados como “práticas pedagógicas/educativas”, que abordam a “inovação das atividades que devem ser desenvolvidas em sala de aula”.

¹ Ensino à distância.

Atuante de uma escola técnica na rede particular, P3 participa de formações específicas dos cursos de informática e eletrônica, sendo “uma ação constante que a escola proporciona para todos os professores, em horário compatível”.

E conforme a proposta e os cadernos fornecidos pela rede estadual de educação do Estado de São Paulo, a professora de Educação Física (P5) tem visto frequentemente nas ações de formação “a especialização dos conteúdos do currículo”.

c) Contribuição para a atuação profissional

É unânime o posicionamento dos professores no que se refere às contribuições que as ações de formação continuada proporcionam para sua atuação. Como defendem Imbernón (2009), Candau (2009) e Pimenta e Lima (2004), o professor é o principal envolvido e executor das práticas educativas, portanto, deve ter maior autonomia na formação e possibilidades de intervenção, como, por exemplo, decidir qual o tipo de formação necessária que seja condizente com o contexto e espaço de atuação, bem como os conteúdos e métodos a serem trabalhados com os alunos.

Carrolo (1997, p. 24) aponta que os alunos estão a todo tempo evoluindo e em contato com as constantes modificações e avanços no mundo. Como personagem principal na sala de aula, muitas vezes o aluno é percebido pelo professor como uma ameaça real, quando traz consigo um elemento ou conhecimentos que o professor não está habituado, como, por exemplo “[...] das novas tecnologias. Porque era um conhecimento que eu não possuía” (P1).

As novas tecnologias se inserem em um contexto atual proveniente de evoluções, e, ao serem exploradas suas possibilidades nas ações de formação continuada, permitem que os professores se aproximem do contexto dos alunos, as utilizem como estratégia para atrair a atenção, despertar o interesse e tornar as aulas mais dinâmicas. P1 relata essa experiência: “[...] sei que ainda falta bastante coisa, mas pelo menos as aulas (algumas) têm ficado mais dinâmicas, tenho utilizado mais essas tecnologias, então pra mim está sendo válido para sala de aula os [conteúdos] da TIC²”.

[...] Porque alguma coisa diferente que você aprende e acrescenta, você vem em sala de aula e comenta com os alunos ou se é da parte de tecnologia você tenta utilizar também pra chamar mais atenção, porque hoje está muito difícil o interesse por parte dos alunos, então se você pode utilizar alguma coisinha diferente que desperte em uma ou outra aula, alguma coisa mais interessante pra eles, eu acredito que vale a pena sim. (P5).

² Tecnologias da Informação e Comunicação.

Além disso, possibilita a aquisição de novos conhecimentos e renovação dos conhecimentos já apreendidos, pois o docente “revê suas práticas, tenta coisas novas, novas metodologias e tenta atender o aluno de maneira global” (P1).

Conforme indicado na fala de P1, os docentes identificam a necessidade de atender seus alunos de maneira global, portanto, buscam e participam das ações de formação continuada procurando suprir as lacunas deixadas pela graduação. Na interação com outros docentes, por meio da troca de experiências e construção de conhecimentos, valorizam a descoberta de novas visões, discutem as teorias, práticas e métodos já conhecidos, e podem, portanto, reformular suas práticas em sala de aula a fim de ter mais opção para que possa atingir seus objetivos e de seus alunos. Afirmam ainda, que essas aprendizagens e as ações da formação de modo geral, são acréscimos em sua formação e suporte:

me dá maior firmeza, maior convicção de tudo que eu tenho feito, maior segurança do trabalho, eu tenho mais material prá diversificar minha prática e minha didática de ensino. Tudo isso dá mais segurança no processo de ensino e aprendizagem. (P4).

Desse modo, as ações de formação continuada são definidas como mais um instrumento que agrega desenvolvimento ao trabalho do docente, proporcionando contribuições que permitem a aprendizagem de novos conteúdos, metodologias, materiais e segurança para o desenvolvimento de seu papel de educador.

d) Elaboração e participação nas ações de formação continuada

Segundo Imbernón (2009), o professor deve assumir o papel de protagonista da sua formação, assumindo não só a responsabilidade na docência, como também adquirir voz sobre a formação que deseja receber e que de fato contribua para sua atuação. Entretanto, pode-se destacar, diante do relato de alguns professores, que os conteúdos abordados nas ações de formação continuada muitas vezes são distantes de sua realidade, pois não emergem das necessidades dos professores e sua elaboração não se baseia nos problemas que eles enfrentam no dia a dia.

Ao questionar se as ações que têm participado são elaboradas com base nos problemas enfrentados na escola, percebemos uma lacuna. P2 exemplifica isso ao dizer que “[...] as pessoas que às vezes organizam esses cursos, elas não têm conhecimento do que

acontece na escola” e P1 complementa: “nem todos. Alguns vêm atender a uma lacuna que ficou na formação acadêmica, principalmente nas partes práticas, parte das metodologias e alguns atendem sim essa necessidade [...]”

P4 também relata:

tem algumas coisas que a gente vê e que foge um pouquinho da realidade, só quem vivencia a prática que conhece no real, o que é uma sala de aula, quais são os problemas no dia a dia e que tem que ter aquela tomada de decisão rápida pra se sair bem em uma ou outra situação de problemas com alunos que existem. Mas me dá um respaldo grande na parte teórica. [...] Numa situação real do dia a dia que tem a tomada de decisões, isso sim às vezes eu vejo um pouquinho de dificuldades.

Estes ainda destacam o desejo de participar da elaboração dessas ações, sugerindo conteúdos e temas, pois o professor, melhor do que ninguém, sabe de suas necessidades e das particularidades de suas turmas. Como Candau (1997, p. 51) declara, se faz necessária a reformulação dessa formação, pois “qualquer possibilidade de êxito no processo que se pretenda mobilizar tem no/a professor/a em exercício seu principal agente”.

Fica evidente essa disparidade na fala de uma professora:

elas dominam muito a teoria, mas a prática em sala de aula elas não dominam. Então o que a gente faz: com a prática que nós temos mais aquilo que nos é passado e aí a partir daí nos formamos, nós organizamos uma nova forma de trabalhar em sala de aula. (P2).

E vai ao encontro de Hernández (1998)

[...] os docentes não seguiam as pautas apresentadas na formação e nos materiais, mas que, na verdade, adaptavam-nas, reorientando e transformando as propostas recebidas, inclusive aquelas consideradas "à prova" de professores. (HERNÁNDEZ, 1998, p. 3).

Um dos docentes que atua na rede pública e particular (mas só frequenta ações de formação da rede particular) destaca que os cursos são elaborados com base nos problemas enfrentados no bimestre e não vê necessidade em participar de sua elaboração.

Contudo, todos os professores destacam a importância e o fato de que as ações têm atendido, de certa forma, algumas necessidades e têm contribuído para sua atuação em sala de aula. Os professores, de acordo com suas possibilidades, complementam os conhecimentos lá adquiridos e construídos com suas experiências e demandas do dia a dia.

Cabe ressaltar que, outra docente que atua em rede pública e particular (P5) e que frequenta as ações oferecidas pela universidade pública, atribui grande valor a essa formação (continuada) oferecida pela universidade, pois os profissionais desta instituição que trabalham com a formação de professores possuem uma visão mais ampla, diferenciada e próxima das

necessidades existentes em sala de aula, proporcionando aquisições ainda mais significativas para suas práticas de ensino:

geralmente sim, porque eu acredito principalmente quando vem da universidade, eles vão mexer com professores da rede, eles já têm essa preocupação de discutir os problemas que a gente enfrenta em sala de aula e procurar proporcionar alguma coisa que possa nos ajudar, então eu acredito que sim. (P5).

A perspectiva dessa professora referente à diferenciação nas ações oferecidas pela universidade vai ao encontro da ideia de Silva (1997) que aponta a urgência da efetiva participação de todos os envolvidos no processo de formação, desde a graduação às ações de formação continuada, de maneira contínua a mobilizar todos os envolvidos no processo educativo.

Em relação a participação durante as ações e possibilidades de sugerir, questionar e dialogar sobre dos conteúdos desenvolvidos, P1 e P4 afirmam ter voz para expor suas ideias:

os que eu tenho feito possuem sim. Nós temos o fórum, que a gente pode entrar e colocar opinião. Claro que quando você coloca a sua opinião você também está aberto a receber respostas não muito agradáveis, né, que também não vai de acordo com seu pensamento. Mas tenho sim, nos que eu tenho feito, não senti tolhida em nenhum deles. (P1).

Olha, nesses cursos que a gente tem feito, principalmente nos cursos EAD das formações, a gente tem sim bastante canal de opinião que a gente pode ou devolver alguma questão que a gente não tenha entendido ou pôr uma situação prática pra uma discussão do grupo, então é bem legal essa troca, é bem funcional sim (P4).

Em contrapartida, P2 afirma que normalmente não há esse espaço:

o docente ele até tenta, ele questiona, ele dialoga, ele expõe, né, a realidade em que ele vive, mas nem sempre o docente tem voz pra mudar, porque as coisas já vêm prontas. As coisas já vêm de certa forma, aquilo que eles querem que faça, mas não é aquilo que realmente acontece. (P2).

E enfatiza o desejo de poder participar das contribuições que se intensificariam se houvesse a participação de docentes envolvidos na elaboração dessas ações:

como as coisas já vêm prontas, eu gostaria sim de participar. Eu sempre falo que quando eles pensam em fazer, elaborar um curso, organizar uma formação, eles deveriam primeiro sentar com os professores da Educação Básica, conversar com eles, ver a realidade que eles vivem, quais as necessidades que eles têm pra depois organizar um curso, organizar uma formação. Porque se tivesse essa interação, né, essa troca de experiências, com certeza as formações seriam muito mais aproveitadas. (P2).

P4 apresenta uma formação um pouco diferenciada dizendo que

[...] tem momentos sim, momento que já vem tarefas prontas, questões prontas já elaboradas e momentos em que a gente é o autor da situação [...] vêm assim atividades prá gente colocar pro grupo, prá gente agir junto, vem tarefas prá gente elaborar na escola e depois postar pro professor essas tarefas prá depois conversar com ele o resultado disso, pôr em prática novamente o que não deu certo. (P4).

Segundo Candau (1997), a construção coletiva, envolvimento dos docentes e a gestão são alguns dos elementos que caracterizam uma prática reflexiva.

4.2 A profissão e a Identidade Docente

a) Como o professor se percebe na profissão docente

Segundo Esteve (1999, p.95), a profissão docente tem sido desvalorizada e vista com desencanto pela sociedade de maneira geral. Pais, alunos, gestão escolar e os próprios professores descaracterizam a importância e contribuição da educação formal no desenvolvimento e formação dos alunos, e isso contribui para que o docente sinta-se cada vez mais desmotivado, sem expectativas de mudanças e sem voz ativa nos programas que incentivam mudanças e desenvolvimento profissional.

Os professores(as) participantes desta pesquisa, ao serem questionados sobre como se percebem na profissão docente, relataram:

no momento, desvalorizada. Tanto pela sociedade, pelo governo e até pelos próprios alunos. Não vejo a profissão docente como sendo valorizada, então no momento me sinto desvalorizada como docente. (P1).

P2 busca manter o encantamento da docência e considera a profissão como “a mais nobre que existe” e diz “hoje estou cansada, mas eu sou encantada com a minha profissão, sou apaixonada pela minha profissão”.

P4 reforça a importância sobre fazer aquilo que se gosta:

se você não gostar do que você faz você não vai até o fim da sua carreira, porque são muitos os desafios, é um dia a dia cansativo que você tem que estar aberta pra todo tipo de situações, né, no seu dia a dia [...] você tem que ter muita criatividade, muito jogo de cintura e gostar, principalmente, muito do que você faz, gostar do ser humano, porque senão o trabalho não rende e você também não se realiza como pessoa, como profissional. (P4).

E complementa a importância de manter-se vivo e disposto na profissão que escolheu, buscando desenvolver seu trabalho da melhor maneira possível:

embora a gente esteja desgastada até na mídia [...] é a minha profissão! A gente não acorda todo dia se a gente não tiver uma meta, um objetivo. Então assim, eu procuro sempre pôr objetivos durante o ano [...]. (P4).

Na perspectiva dos professores entrevistados, no que se refere à forma como se veem, se percebem na profissão, surge destaque referente à desvalorização atual e a questão salarial, o que contribui para que o desenvolvimento de suas ações de educadores tornem-se cada vez mais difíceis, desmotivantes e cansativas. Esteve (1995) ilustra bem esse cenário ao dizer que os professores atualmente encaram a profissão com desilusão diante do cenário de desvalorização atual (atribuído pela sociedade).

Os professores demonstraram satisfação ao falar da profissão que escolheram, pois tem seu trabalho a possibilidade de transformar a vida de seus alunos por meio de suas ações e os identificam como seres em construção. Fazer parte disso proporciona grande emoção e cada vez mais paixão pela profissão que escolheram seguir. Infelizmente, diante dos problemas enfrentados, como, desvalorização, falta de apoio e investimento da secretaria da educação, o docente sente-se cansado e desmotivado algumas vezes, mas esta é a profissão que escolheram e isso não os desencorajam ou os fazem se arrepender de suas escolhas.

b) Significados de ser professor

Para os docentes, a profissão professor tem extremo significado e valor, pois envolve o aluno em diversos aspectos, não apenas na construção de conhecimento.

Quando estava em início de carreira, uma docente (P1) apontou que via a profissão com a visão ideológica de mudar o mundo e ser instrumento de transformação e melhoria na vida de seus alunos. No decorrer da carreira, passando por dificuldades e obstáculos, identificou que não era tão simples desenvolver seu trabalho e atingir seus objetivos, passando a ter uma visão diferente. Segundo ela, o que culturalmente se espera de um aluno é que ele termine o Ensino Médio e ingresse na universidade, entretanto não são todos que têm esse objetivo ou condições de alcançá-lo. No decorrer da carreira, passou a buscar diferentes objetivos com seus alunos:

mas prá mim, ser professor é ser agente de transformação [...] mas ele se transformando, melhorando como pessoa, às vezes nem vai prá uma faculdade, mas você vê de onde ele veio, como ele veio e como ele saiu, eu acho que é isso que importa. Porque é você ver o fruto do seu trabalho ali, germinando né?! Na questão da cidadania, do comportamento de abrir visão de mundo, possibilidades pro aluno. Então, eu acho, eu vejo assim o professor como agente transformador. Talvez não como eu pensava quando entrei na profissão, mas hoje eu vejo assim, que transforma de uma outra forma. (P1).

Os professores consideram importante a possibilidade que se tem de contribuir para a formação do aluno nas dimensões profissional e pessoal, e a possibilidade de mostrar que esse aluno pode melhorar de vida por meio da educação, independentemente de cursar uma faculdade ou não, indo ao encontro da preocupação de Esteve (1997), sobre a descaracterização que a sociedade atribui à educação, não a compreendendo como possibilidades de um futuro melhor.

Porém, sendo o professor visto como principal representante da educação formal, muitas vezes se os resultados esperados pela sociedade não são obtidos, eles são considerados os “responsáveis imediatos pelas falhas do sistema de ensino” (ESTEVE, 1997, p. 97).

Para este grupo de professores, o papel do docente vai além da construção de significados e conhecimentos pertinentes à sua área. Eles precisam enfrentar o desafio de realidades e contextos diferentes de seus alunos, que estão abertos ou não aos conteúdos propostos e frustrações de sua vida pessoal. Os professores se identificam como educadores, amigos, psicólogos, pai, mãe, irmãos, enfim, tornam-se referência e exemplo de confiança onde os alunos buscam apoio, conselhos, opiniões, entre outros.

[...] Porque em muitas famílias, têm muitos pais de várias maneiras hoje, já não é mais aquela família tradicional que a gente conhecia, muitos os responsáveis trabalham o dia inteiro, têm pouco contato [...] então a gente percebe assim, que muitos alunos veem na gente uma pessoa que ele pode confiar, que ele acredita, que ele escuta e isso é muito bom (P1).

Entende-se que o professor deve buscar fazer alguma diferença na vida de seus alunos, sendo um instrumento de contribuição para a formação daquele aluno como ser humano social. Portanto, buscam fazer o melhor que podem por eles, conforme ilustra o fragmento a seguir:

a gente [professor de Educação Física] tem o maior contato, maior laço de amizade, a gente trabalha o corpo do aluno, isso dá um maior entrosamento com eles, um laço afetivo maior. Eu sou privilegiada, né, nesse sentido, então eu acredito que eu tenho que traçar metas pro dia a dia, prá poder me realizar. Se eu ficar só pensando no que a mídia está falando, no meu salário, aí é desmotivador, então eu tenho que traçar os meus próprios objetivos. (P4).

A P5 conclui, dizendo que apesar de todas as dificuldades não consegue se ver em outra profissão:

[...] nas duas escolas que estudei e voltei a trabalhar e estou há anos já. Então parece que é uma missão eu voltar e ser educadora que eu vi os meus educadores naquela época pra eu fazer o melhor que eu posso. Eu gosto de ser educadora, eu acredito que eu nasci pra isso mesmo.

Os professores se definem como agentes influentes na vida de seus alunos, e buscam, por meio da educação, estabelecer uma relação afetiva e de diálogo, contribuir para o desenvolvimento do seu aluno, independentemente se o objetivo desse aluno é terminar o Ensino Médio e ingressar na universidade, construir família, ascensão social e financeira, entre outros. O mais importante é contribuir para que seu aluno se desenvolva e se torne crítico perante a sociedade na qual está inserido.

c) Reflexão sobre ser professor na formação continuada

Como exposto anteriormente, o professor atualmente enfrenta diferentes desafios que ultrapassam os conteúdos específicos trabalhados em aula, em razão da diversidade de alunos dentro de uma mesma sala. Pensando nisso, buscamos averiguar se, nas ações de formação continuada, ocorre a reflexão sobre o que é ser professor hoje.

Dois professores afirmaram que esta reflexão ocorre sempre, outros dois disseram “às vezes sim” e um deles identificou que isso não ocorre diretamente, mas sim nas entrelinhas quando se busca melhorias, adaptações e atualizações na formação continuada e novas perspectivas de trabalho.

Sobre uma abordagem indireta da temática na formação, P1 diz que:

[...] de maneira direta eu não vejo, mas de maneira indireta nas entrelinhas acaba sim dando uma nova perspectiva para o professor [...] mas eu acredito também que quando você está procurando se formar, você está tentando essa atualização buscando ser um melhor professor, um professor adaptado ao século XXI. (P1).

Às vezes sim... Ocorre sim. Algumas questões falam desse novo professor. Que o professor hoje é um professor bem diferente do professor de antigamente (P2).

E enfatiza P2, a importância de o professor manter-se inserido no contexto de seus alunos e da necessidade de estarem próximos a eles em todos os aspectos:

[...] ele tem que interagir com seus alunos [...] tem que saber às vezes até dos problemas que esse aluno está passando, esse professor tem que estar ligado, conectado com o mundo aqui fora e o mundo da sala de aula, e esse professor tem

que fazer essa ponte entre a sala de aula, o mundo e a realidade que esse aluno vive (P2).

Os professores atribuem essa reflexão sobre o “novo professor” ao elencar os conteúdos abordados na formação continuada, como reflexão sobre seu papel enquanto docente, expectativas de aprendizagem, busca e compartilhamento de possíveis soluções para minimizar as dificuldades e desafios encontrados no cotidiano e grupos de discussões para levantamento de conflitos existentes no dia a dia. Desta forma, onde um professor encontrou dificuldades, o outro pode ter vivenciado a mesma situação, mas reelaborou os métodos de ação e intervenção, adotou uma estratégia diferenciada e obteve resultados mais significativos, contribuindo para a reconstrução de estratégias dos outros docentes.

Essas reflexões também contribuem para a constante construção da identidade docente, uma vez que ela se dá cotidianamente por meio de “[...] saberes específicos, saberes docentes e experiências adquiridas dentro e fora da sala de aula, nos desafios enfrentados e superação no exercício da sua função [...]” (PEREIRA; MARTINS, 2002, p. 131 citado por ALBERTO; TESCAROLO, 2009).

Destaca-se a trajetória do professor como base para a construção da identidade docente: a formação inicial, ações de formação continuada e o exercício da profissão que cotidianamente promove contribuições para sua atuação e desenvolvimento (LÜDKE, 2001 citado por ALBERTO; TESCAROLO, 2009).

Como nos diz Nóvoa (1992, p. 1) citado por Pimenta e Lima (2004, p. 269): “a identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneira de ser e de estar na profissão”.

d) Construção Coletiva

Dentre os pontos analisados na pesquisa, buscamos identificar se a formação continuada se configura como uma construção coletiva entre os atores envolvidos.

Candau faz referência a elementos para uma prática reflexiva, “[...] que seja uma prática coletiva, uma prática construída conjuntamente por grupos de professores ou por todo o corpo docente de uma determinada instituição escolar” (1997, p. 57).

No que se refere à construção coletiva, os professores destacam as relações que são desenvolvidas com outros professores nessas ações e as trocas de conhecimento geradas e como Gómez, (1995, p. 110) afirma: “na vida profissional, o professor defronta-se com

múltiplas situações para as quais não encontra respostas pré-elaboradas e que não são susceptíveis de serem analisadas pelo processo clássico de investigação científica”. Esta afirmação corrobora a opinião dos professores, quando afirmam que, ao relatar suas experiências e ouvir diferentes docentes durante as ações de formação continuada, são levados a repensar suas práticas e ações pedagógicas, se apropriam de novos saberes, experiências e informações, além de se sentirem motivados e impulsionados a modificar suas estratégias em aula.

Nesse sentido, P4 diz que “a gente debatia com o grupo essa questão, ‘olha aconteceu comigo dessa maneira’ ou ‘comigo não foi assim’. Então era bem reflexivo sim”. P5 também salienta que:

alguém que tem um estudo, uma experiência, vivência maior do que a sua, ele te apresenta... Você vai numa palestra, num curso sempre alguma coisa vai acrescentar que você pode trazer aqui pro ambiente da escola, para os alunos. Eu acredito que é importante e interessante. (P5).

E complementa:

[...] quando a gente tem contato com outras pessoas da nossa profissão, a gente vê novas possibilidades de trabalho e também te estimula psicologicamente. Às vezes você chega, e está desanimado, cansado, parece que está dando murro em ponta de faca porque a coisa não muda, você não vê transformação, então você tem esses momentos que você cai, né. Eu acho que isso é do ser humano, é até normal. Ai quando você vai pra formação, você tem esse contato com outros professores, aí tem aquele que é o entusiasta, o idealista, você acaba recuperando valores que você já tinha até deixado de lado. (P5).

A formação continuada se configura para estes docentes como espaço para troca, construção, análises e reconstrução de suas estratégias de trabalho e da própria concepção de seu papel na profissão e na sociedade. P2 deixa claro isso ao dizer que “[...] às vezes trabalhamos de um jeito, sempre daquele jeito. Com esses cursos, “o leque se abre pra que isso se amplie e a gente renove nossa forma de trabalhar em sala de aula [...] porque cada um com sua experiência vai ajudando o outro a ser professor também” e:

[...] nessas formações aparecem coisas, atividades, práticas que ele conhece, mas ele não colocou em prática, então ele vai renovando o seu conhecimento e isso vem, é, acaba contribuindo com o aluno lá na sala de aula. Então a gente muda a forma de trabalhar. (P2).

Nascimento (1997, p. 82) é assertivo ao afirmar a importância do diálogo, trocas, discussões e busca de soluções para os problemas do cotidiano, caracterizando-os como importante instrumentos na formação dos docentes.

As ações, quando desenvolvidas em conjunto pelos professores, gestores, pesquisadores e agentes formadores, tendem a contribuir significativamente na resolução de problemáticas encontradas no contexto escolar e na trajetória docente (ROSSI, 2013). Diante disso, vê-se necessário o desenvolvimento do trabalho conjunto entre as instituições formadoras e os professores envolvidos no processo, para que se desenvolva um trabalho cooperativo e de contribuição para o desenvolvimento das ações de formação continuada (IMBERNÓN, 2009).

Como Imbernón (2009) enfatiza, necessita-se que os formadores posicionem-se de maneira mais prática, desenvolvendo um trabalho colaborativo e reflexivo com os professores, auxiliando-os a buscar a resolução das problemáticas existentes na docência. Desta forma, identificando, refletindo e traçando estratégias, será possível a efetiva mudança na prática educativa.

e) Identidade Docente

Identidade docente, segundo Garcia (2010), refere-se à maneira como cada professor vive seu trabalho, a percepção que eles têm de seu ofício e a percepção da sociedade, ou seja, a identidade docente se delineia diante de um conjunto de fatores que faz parte de aspectos internos e externos que rodeiam o professor. É a “maneira como se definem a si mesmo e aos outros” (p. 19) diante de diferentes aspectos e interpretações e sendo produto de uma constante evolução que deve ser enfrentada com o seguinte questionamento: “o que quero chegar a ser?” (p. 19).

Indagamos os participantes da pesquisa sobre o que significa ter uma identidade docente. Os professores se sentiram um pouco confusos com a pergunta, necessitando de uma maior demanda de tempo para responder a questão, e isso nos leva a pensar sobre quais fatores desencadeiam essa “crise” em identificar-se como professor: “Identidade docente... Difícil, né?!” (P1). “Questão difícil, né?! Prá mim, o que significa ter uma identidade docente...” (P2).

Lima (2004, p. 64 grifo da autora) explica que “[...] diante de um quadro tão complexo, responder *quem somos* e o *que queremos* constitui um desafio, pois, exige repensar o papel da escola e sua relação com o conhecimento e com a sociedade”.

Segundo Dubar (1997) citado por Rossi (2013, p. 194) “a identidade resulta de socializações de natureza diversa ao longo da vida incluindo a socialização antecipatória (antes do ingresso na formação profissional), a formação inicial e continuada”. Para os

docentes desta pesquisa, ter uma identidade docente está ligado a como ele é visto socialmente e o papel que exerce na sociedade. De acordo com P1, seus objetivos foram repensados do início da carreira para o presente momento e isso fez parte da construção de sua identidade enquanto professora:

então, a identidade docente pra mim hoje é quando meu aluno consegue me enxergar como um meio de realização. Seja ela profissional, pessoal, né, quando o aluno consegue me enxergar como alguém que ele pode confiar. (P1).

Três professores identificaram como identidade docente o fato de realmente “ser” professor, como a sociedade (ao menos antigamente) compreendia: ensinar, educar, formar, contribuir para a vida do aluno em diferentes aspectos, estudar, dedicar-se, se organizar e ser o melhor que puder. Como disse P5, deve-se enfrentar os desafios e dificuldades lembrando sempre que os alunos dependem do professor e este deve traçar metas e objetivos para desenvolver seu trabalho de modo a contribuir significativamente com seus alunos. Assim será de fato um educador de verdade .

Fischmann (1994, p. 62) citado por Pimenta e Lima (2004, p. 65) complementa dizendo que “a nossa identidade se constrói a partir da intersecção das circunstâncias que nos cercam com os desejos que trazemos”. P5 enfatizou a realização que sente quando se depara com antigos alunos que relatam novas perspectivas, conquistas ou experiências de vida: “Quantos você já viu com uma formação, que foram seus alunos, sucessos aí”. (P5).

Destacou-se também a identidade quanto à aparência, jeito de falar, vestimenta do professor e reconhecimento por parte dos alunos, como destaca P2:

Às vezes você não se lembra, mas dizem “você fez isso, fez aquilo, você contribuiu muito pra minha formação”, então isso ficou marcado na vida desse aluno e eu enquanto professora, eu fico... Eu vejo que eu cumpri com meu papel de docente, né, de professor. Eu não falo só de docente, mas de educador, né.

Logo, para esse professor saber que fez parte da vida e trajetória daquele aluno e que foi marcante a ponto de ser lembrado enquanto professor(a) é gratificante. Ter uma postura diferenciada e buscar ampliar seus conhecimentos também define a identidade profissional e P5 destaca: “[...] ser professor, educador, sempre, de verdade, querer fazer o melhor, se organizar, estudar, se aperfeiçoar”.

Apesar disso, existem aspectos que interferem na identidade docente, sendo eles: a falta de tempo, desvalorização profissional e da imagem do professor, baixos salários, salas de aula lotadas, conteúdos propostos nos cadernos (currículo do Estado de São Paulo) que não

fazem parte do contexto cultural e de vida dos alunos (contribuindo para dispersão e desinteresse) e jornadas duplas de trabalho.

O salário baixo, né, as classes com uma lotação acima do permitido, a falta de pré-requisito desses alunos que estão chegando e uma outra coisas que olha só, o ensino hoje ele é distante do aluno. Ele não significa muita coisa, então eu acho que esse aspecto aí interfere na identidade do professor. O que a gente tem que tentar fazer é buscar uma maneira de interferir nesse processo prá que ele obtenha o conhecimento. (P3).

P1 retrata a realidade da maioria dos professores que precisam lecionar em duas escolas ou mais para completar sua jornada: “[...] acredito que essa questão do tempo faz com que o professor desmotive e não se prepare de acordo. Às vezes ele até quer, mas aí depois ele tem outra jornada [a família]”.

A indisciplina dos alunos também foi apontada como dificultador, pois alguns alunos não veem a educação como possibilidade de ascensão social, e acabam dificultando o trabalho em sala de aula, segundo os entrevistados.

P1 destacou a importância em trabalhar o sonho do aluno, seus projetos e perspectivas fazendo com que ele perceba que por meio da educação ele pode almejar e conquistar sonhos e objetivos.

[...] E eu vejo que os nossos alunos não têm isso, eles não trabalham o sonho, parece que eles não têm perspectiva ou eles acham que as coisas são muito fáceis. Eu acho que ainda é um obstáculo, uma dificuldade. (P1).

E também o posicionamento da família por diversos motivos, mas que também contribui para que o aluno não veja a educação como caminho de melhorias e um futuro melhor:

e não é só neles, a gente vê que a família também é acomodada, arrumou um emprego e já está bom demais “Ah, já está trabalhando”, não vê na educação uma perspectiva de melhora, uma melhora de salário, de posição social e até pessoal mesmo, que a educação te abre um mundo de possibilidades, então acho que esses dois fatores dificultam: o tempo do professor, que infelizmente acaba se desdobrando em vários, e aí não tem coragem de fazer uma leitura, ou de se atualizar melhor, fazer um curso e a questão dessa falta de perspectiva (do aluno). (P1).

Além da mídia que está “desvalorizando a gente totalmente”, disse P4. Entretanto, ressalta que o professor deve acreditar na sua profissão e buscar vencer esses desafios diariamente:

é o que eu falei, traçando metas diariamente, mensalmente e anualmente pra ouvir tudo que a gente ouve falando e descaracterizar isso na prática diária, porque se eu levar pra dentro da sala de aula todo descontentamento, toda frustração por trás da profissão, eu não trabalho mais nenhum dia sequer. (P4).

Postura, estudo e conhecimento também são aspectos que interferem e contribuem para que seja um profissional melhor e consequentemente isso também define sua identidade de professor. P2 diz:

O professor é aquele que vai, através das suas atitudes, ser exemplo para que o seu aluno veja que a sua atitude, às vezes, tem que ser mudada, ele tem que pensar como agir, de repente, na sociedade. Então o professor começa pela sua postura e em segundo momento o conhecimento. Se ele não estudar, não ampliar, se ele não tiver essa formação continuada igual você está falando, vai ser complicado construir a sua identidade.

P5 conclui que para ser um professor de verdade é necessária “[...] uma boa formação e respeito pelo trabalho docente [...] a formação, o aperfeiçoamento, o relacionamento com todos da área da educação”.

Garcia (2010) complementa que a identidade tem dimensão individual (particular de cada sujeito) e específica, que envolve o contexto de trabalho no qual o indivíduo está inserido. É um processo de evolução, onde o docente interpreta e reinterpreta suas experiências constantemente, e que estão ligadas a diversos fatores, como, envolvimento, dedicação, contexto político, escola, entre outros, e também sofre influência de aspectos pessoais, sociais e cognitivos. Desta forma, durante toda sua trajetória, o professor vai se aperfeiçoando, tendo novas experiências e modificando sua visão de si mesmo enquanto docente, e assim vai moldando a todo instante sua identidade docente.

f) Sugestões para uma formação continuada mais significativa

Diante dos aspectos anteriormente abordados que interferem na construção da formação continuada e da identidade docente de forma coletiva, e, buscando aperfeiçoar as ações de formação, alguns professores sugeriram mudanças para que a formação se torne ainda mais significativa e mais próxima do contexto e situação real vivida por eles.

P1 enfatiza a questão do tempo, e embora saiba que isto seja difícil, propõe o aproveitamento do tempo no local de trabalho: “se o professor pudesse fazer os cursos em horário de trabalho, porque o que impede muito é isso, né”.

Outra sugestão da professora refere-se a apoio do governo, seja financeiro ou possibilidades de publicações de artigos, como incentivo ao professor para participar dos cursos de formação continuada.

P2 destaca as contribuições provenientes da inserção dos alunos ainda na graduação “in lócus”, por meio de programas como o PIBID (Programa Institucional de Bolsa

de Iniciação à Docência), para que tenham a possibilidade de participar do contexto de trabalho escolar, dialogar e aprender com os professores que lá estão, bem como os professores em exercício formarem-se por intermédio dessa inter-relação.

Lá eles aprendem com outros professores o que eles poderão e o que eles não deverão fazer enquanto docente. Então, prá mim todo programa de formação de professor não tinha que vir de cima, tinha que primeiro ir à base, o que é necessário, o que é importante e o que é urgente prá contribuir prá formação dos futuros docentes e daqueles mesmos nessa formação continuada, aqueles que já estão atuando em sala de aula. (P2).

Sugere-se também a reformulação dos cursos e dos conteúdos trabalhados no nível fundamental e médio, pois, segundo P5 alguns conteúdos estão distantes do contexto do aluno e isso contribui para que cada vez mais aumente o desinteresse por parte deles:

you tem que seguir uma programação que não é interessante pro aluno e de repente se você pudesse substituir por alguns outros conteúdos, teria uma aplicação melhor na vida dele, mais significativa. Então nossa área sofre em relação à isso. Nós somos amantes da matemática, gostaríamos de passar de tudo, mas você vê que em cada classe é um grupo bem reduzido de alunos que gosta e que realmente consegue acompanhar o que você tem que oferecer. Então, prá atingir um grupo maior tinha que haver uma mudança. (P5).

E P2 conclui : [...] porque se nós pesquisarmos não há nenhum manual de práticas educativas, não existe. Existem sugestões e que muitas vezes elas vão ‘de’ e não ‘ao’ encontro das necessidades desse professor que está em sala de aula.

Na visão dos professores, as ações de formação continuada constituem-se como espaços e tempos que contribuem para o desenvolvimento profissional e pessoal, possibilitando a construção de significados e conhecimentos coletivos, interações entre diferentes docentes e contextos, bem como aquisição de novos conhecimentos em busca de um exercício da profissão de maneira mais significativa para si e para seus alunos. Há destaque também para a reflexão sobre o papel que o professor exerce, sendo a identidade docente identificada pela proximidade com a função de agente de transformação na vida dos alunos.

Entretanto, algumas reformulações são necessárias, e alguns docentes destacaram a possibilidade de sugerir ou discutir por meio de fóruns a respeito dos temas trabalhados. Também elencaram a lacuna existente no que se refere aos conteúdos propostos (que fogem às necessidades reais dos professores, de acordo com as situações vivenciadas na escola) e a forma como a estruturação dessas ações se dá, sem o envolvimento dos docentes na elaboração dos conteúdos a serem trabalhados.

O aspecto coletivo ganha ênfase no que se refere às contribuições que se originam com base nas discussões, troca de ideias, situações e pontos de vista, reflexões sobre o exercício do professor e sua identificação como docente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, inserida no âmbito da formação continuada de professores, objetivou analisar se estas ações formativas se configuram como uma construção coletiva e como um espaço para a reflexão sobre o que significa ser professor para um grupo de professores da rede pública de ensino do interior de São Paulo.

A análise dos resultados permitiu constatar a valorização que os docentes participantes desta pesquisa atribuem às ações de formação continuada para suas atuações. Visto que estão inseridos em contextos que constantemente se modificam, os conteúdos trabalhados na formação continuada possibilitam o desenvolvimento diferenciado em sua atuação e o tratamento de questões diversificadas em salas de aula, como, por exemplo, a utilização das novas tecnologias (que na atualidade fazem parte do cotidiano dos alunos), no intento de aumentar a participação e interesse destes nas aulas, e a abordagem de questões relacionadas à diversidade e direitos humanos.

A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo oferece programas de formação continuada que tem como uma das finalidades promover constantemente a construção de conhecimentos entre e para os docentes e desenvolvimento de novos conteúdos e métodos. Os professores desta pesquisa afirmam participar dessas ações, excetuando-se um docente que, por atuar em duas diferentes redes de ensino, relatou a impossibilidade de sua participação em razão da indisponibilidade de tempo.

Seguido a isso, dentre os professores que participam ao menos uma vez ao ano, surgiram relatos sobre dificuldades de participação em mais ações de formação continuada, pelos motivos de carga horária elevada (e consequentemente a indisponibilidade de tempo), bem como a dificuldade de deslocamento até os locais onde essas ações são oferecidas. Como sugestão, apresentaram a oferta de ações de formação à distância, cursos presenciais oferecidos por universidade pública e a possibilidade de realização das formações dentro do horário de trabalho.

Diante das constantes modificações que ocorrem na sociedade, desenvolver a docência constitui-se como um grande desafio, pois além da permanente construção dos conhecimentos, avanços tecnológicos, entre outros, é necessário que o docente esteja preparado para lidar com diferentes contextos em que seus alunos estão inseridos, lembrando

que cada indivíduo é único, possui suas particularidades e especificidades e o tratamento disso em sala de aula torna-se, por vezes, complexo. Os professores afirmaram que as ações de formação continuada são significativas, pois contribuem para reflexões, compartilhamento de ideias, construção e reformulação dos conhecimentos e desenvolvimento de novas técnicas, metodologias e estratégias de ensino (para que ampliem o atendimento das necessidades de seus diversos alunos, e busquem cada vez mais envolvê-los, garantindo sua participação e desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem).

Entretanto, há algumas lacunas no que se refere à estruturação dessas ações, nas quais, por vezes, alguns conteúdos e temáticas trabalhadas apresentam-se distante da realidade dos professores. As ações, não raramente, são ofertadas pelas redes de ensino em moldes prontos, desconsiderando os problemas, conteúdos ou necessidades que estão mais evidentes ou são mais relevantes para os professores. Contudo, alguns docentes relataram a existência de ferramentas que permitem o envio de e-mails com temas, conteúdos e sugestões a serem abordados nas ações de formação.

Apesar das dificuldades encontradas e mesmo após vários anos de docência, os professores sentem-se realizados com o caminho que decidiram traçar e sentem imensa satisfação com sua profissão, conscientes de que, ao desenvolver seu papel, estão contribuindo para o desenvolvimento de diversos indivíduos e que isso vem refletindo na vida de cada um deles de diferentes maneiras. Além do que, durante as ações de formação continuada, eles seguem constantemente refletindo sobre sua função na sociedade, repensando com frequência sobre suas práticas, metodologias, objetivos, perspectivas, motivações e estratégias para diversificar e dar continuidade ao seu papel de educador. Por manter em contato com diferentes docentes, encontram também novas alternativas e possíveis soluções para problemas enfrentados no cotidiano escolar.

É evidente que nem todas as questões e desafios da docência possuem respostas ou soluções que são assertivas e/ou imediatas, entretanto a troca de experiência com outros docentes vem complementando a atuação ao proporcionar novos olhares, motivação, estratégias e reflexões sobre suas funções, suas dificuldades e objetivos, fazendo com que juntos estabeleçam diálogos e reflexões que contribuem para a construção de sua formação e profissão.

A profissão professor é dotada de características únicas para este grupo, qual caracterizam por identidade docente diferentes aspectos, como vestimenta, postura, expressões, diálogos e seu posicionamento no mundo e perante seus alunos, assumindo, portanto, o papel que se dispuseram a fazer, não perdendo o encantamento pela docência,

apesar dos desafios. Buscam ter participação ativa na construção de seus alunos como indivíduo crítico e reflexivo e apresentam sugestões de melhorias para que as ações formativas tornem-se ainda mais significativas, partindo dos problemas atualmente enfrentados por eles e almejando participação ativa na reestruturação dos conteúdos abordados.

Desta forma, os resultados desta pesquisa permitem concluir que, para alguns professores, a formação frequentada é configurada de maneira satisfatória e atende as necessidades da docência. Entretanto, outros docentes destacaram a necessidade de reestruturação dos conteúdos abordados, para que sejam mais significativos à sua formação.

Uma vez constatado que as formações apresentam-se “prontas” para serem transmitidas aos docentes, torna-se urgente a necessidade de romper a distância entre agentes formadores (pesquisadores, professores universitários e redes de ensino), professores escolares, conteúdos abordados nas formações e as práticas vivenciadas pelos docentes, de modo a proporcionar uma formação completa que tenha como ponto de partida as problemáticas vivenciadas nas instituições escolares.

Conclui-se que a formação continuada para este grupo de professores se configura como espaço para construção coletiva, na qual juntamente com outros docentes repensam, refletem e reconstroem continuamente suas práticas e objetivos, e possibilita a reflexão sobre a profissão de professor constantemente. Faz-se imprescindível, portanto, que os docentes tenham espaços garantidos nas ações formativas e que estejam continuamente dispostos a buscar por participação efetiva, tornando-se protagonistas de sua formação e da construção da profissão docente.

REFERÊNCIAS

- ALBERTO, Simão; TESCAROLO, Ricardo. A profissão docente e a formação continuada. **IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE**. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 26 à 29 de outubro de 2009 – PUCPR. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2682_1291.pdf
- ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 77, p. 53-61, 1991.
- CANDAU, V. M. Formação continuada de professores: Tendências atuais. In: CANDAU, V.M(Org.). **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1997.p 51-68.
- CARROLO, C. Formação e identidade profissional dos professores. In: ESTRELA, M. T. (Org.). **Viver e construir a profissão docente**. Porto: Porto, 1997, p.21-50.
- ESTEVE, J. M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. Porto: Porto, 1999, p.93-124.
- GARCIA, C. M. O professor iniciante, a prática pedagógica e o sentido da experiência. **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente**. Belo Horizonte, v. 02, nº 03, p. 18-20, ago/dez. 2010. Disponível em <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>. Acesso em 13/11/2015.
- GODOY, Arilda. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, março/abril 1995.
- GÓMEZ, A. P. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p.93-114.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **A importância de saber como os docentes aprendem**. Pátio Revista Pedagógica. Porto Alegre: Artes Médicas Sul., fev./abr., 1998.
- IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2001.
- IMBERNÓN, F. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. São Paulo: Cortez, 2009.
- NASCIMENTO, M. G. A Formação continuada dos professores: modelos, dimensões e problemática. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1997, p.69-89.
- NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p. 15-33.
- NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. Porto: Porto, 1999, p.13-34.
- PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. Anexo II. In: _____. **Estágio e docência**. 2ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 263-280.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. Estágio e construção da identidade profissional docente. In: _____. **Estágio e docência**. 2ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 59-79.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. O estágio nas disciplinas específicas: contribuições da didática. In: _____. **Estágio e docência**. 2ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 143-160.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. Por que o estágio para quem já exerce o magistério: uma proposta de formação contínua. In: _____. **Estágio e docência**. 2ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 123-141.

PIMENTA, Selma Garrido et.al. Professor Reflexivo: Construindo uma crítica. In: PIMENTA, S. G; GHEDIN, E. (Org.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. 2ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 17-52.

ROSSI, F. Implicações da formação continuada na prática pedagógica do(a) professor(a) no âmbito da cultura corporal de movimento. 2013. 286f. **Tese** (Doutorado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

SILVA, M C. M. O primeiro ano de docência: o choque com a realidade. In: ESTRELA, M. T. (Org.). **Viver e construir a profissão docente**. Porto: Porto, 1997, p.51-80.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Câmpus de Bauru

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Agudos, 2014.

Prezado(a) _____,

Estamos desenvolvendo uma pesquisa com os professores da rede estadual de Agudos/SP, que tem como título: **“A formação continuada de professores como um projeto coletivo e de identidade profissional”**. O objetivo do estudo é analisar se a formação continuada se configura como uma construção coletiva e como um espaço para a reflexão sobre o que significa ser professor. Nesse sentido, necessitamos de sua colaboração com seus depoimentos por intermédio de entrevistas. Porém, cabe lembrar-lhe que a qualquer momento você poderá retirar seu **consentimento livre e esclarecido** e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

O seu nome será mantido em sigilo, sendo utilizado como identificação um pseudônimo ou número. Entretanto, precisamos do seu consentimento para que possamos, posteriormente, publicar os dados desta investigação em artigos ou apresentá-los em reuniões científicas. Se estiver de acordo, por favor, preencha a declaração que segue abaixo.

Agradecemos antecipadamente a sua participação e contribuição.

Atenciosamente,

Kelle Cristina da Silva Vital Costa

Orientanda

Rua 7, nº 10- Jardim Danúbio

CEP: 17120-000/Agudos-SP

Kellecris@hotmail.com

Tel.: (14) 99665-1630

Prof. Dra. Fernanda Rossi

Orientadora

Departamento de Educação/FC

Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube,

14-01 - Bairro: Vargem Limpa

CEP 17033-360 - Bauru, SP

fernandarossi@fc.unesp.br

Tel.: (14) 98137-1390

TERMO DE CONSENTIMENTO (DECLARAÇÃO)

Eu, _____ RG: _____, residente e domiciliado(a) à
Av./Rua _____ Bairro _____
na cidade de _____ UF _____ CEP _____, e-mail _____ declaro
estar ciente dos objetivos do trabalho de pesquisa **“A formação continuada de professores como um projeto coletivo e de identidade profissional”**, de Kelle Cristina da Silva Vital Costa e Profa. Dra. Fernanda Rossi, manifestando o meu consentimento com a publicação de minhas respostas, sejam elas favoráveis ou não, na forma de artigos e/ou em reuniões científicas.

Agudos, ____ de _____ de 20__.

Assinatura: _____

APÊNDICE B – ROTEIRO DE QUESTÕES NORTEADORAS

- 1) Qual a importância da formação continuada para você?
- 2) Você participa de ações de formação continuada? Com que frequência?
- 3) Os programas de formação continuada que você participa, são oferecidos pela rede de ensino gratuitamente ou financiados com recursos próprios?
- 4) Quais os temas abordados nas ações de formação continuada que você tem participado?
- 5) A formação continuada tem contribuído para sua atuação na escola?
- 6) As ações de formação que você tem participado são elaboradas com base nos problemas enfrentados pelos professores na escola?
- 7) O docente possui voz para sugerir, questionar e dialogar nos eventos de formação continuada?
- 8) Nas ações de formação continuada que você tem participado, os formadores propõem que você participe da elaboração dessas ações (desde a definição dos objetivos, temáticas, recursos à condução dessa formação) ou as atividades já chegam prontas aos professores? Você gostaria de participar mais efetivamente das construções dessas ações? Por quê?
- 9) Como você se vê na profissão docente? O que significa ser professor?
- 10) Nas ações de formação continuada, ocorre a reflexão sobre o que é ser professor hoje?
- 11) Para você, o que significa ter uma identidade docente?
- 12) Quais aspectos você acredita que definem ou interferem na identidade do professor?
- 13) O contato com outros professores nas atividades de formação continuada auxilia na construção da identidade docente? De que forma?
- 14) Você tem sugestões de reformulação dos programas de formação continuada para que possam atender suas necessidades de maneira mais significativa?

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Professora 1 – Possui formação em História (Licenciatura Plena), concluída no ano de 1998 e recentemente concluiu outra graduação em Ciências Sociais. Começou a atuar no Estado em 2000 sendo efetivada em 2005.

Qual a importância da formação continuada para você?

É importante porque na nossa área, a educação, os novos conhecimentos e as novas tecnologias estão sempre avançando. Se você fica parado, você perde oportunidade, de aprimorar seu conhecimento e levar isso para a sala de aula e pro aluno. Porque o aluno hoje, ele tem acesso a uma gama de tecnologias, de instrumentos e o professor tem que estar preparado para esse novo tempo. Então a formação continuada pra mim, ela é importante por causa disso. Pra você estar atualizada.

Você participa de ações de formação continuada? Com que frequência?

Participo. Olha, eu procuro fazer os cursos que a secretaria da educação oferece, pelo menos todo ano tenho feito um ou dois cursos. As vezes não faço mais por falta de tempo. Mas também já fiz outras graduações, pós graduação. Então, a graduação e a pós, menos, mas os cursos oferecidos pela secretaria, pelo menos dois por ano eu tenho procurado fazer.

Quais os temas abordados nas ações de formação continuada que você tem participado?

Eu tenho participado de alguns específicos da minha área, então eu fiz de direitos humanos, mas tenho participado também de alguns voltados pra educação. Os de tecnologia em sala de aula, a diversidade, um curso pra saber trabalhar com a diversidade gay, lésbicas, transsexuais, transgêneros, tanto parte psicológica como parte de legislação, então procuro dos que oferecem os que me sinto mais atraída e trabalha a educação como um todo. Mas assim, os da área são mais interessantes.

A formação continuada tem contribuído para sua atuação na escola?

Tem. Principalmente os que eu tenho feito das TIC, das novas tecnologias. Porque era um conhecimento que eu não possuía. Sei que ainda falta bastante coisa, mas pelo menos as aulas (algumas) têm ficado mais dinâmicas, tenho utilizado mais essas tecnologias, então pra mim está sendo válido pra sala de aula os das TIC. Agora os de formação também valem, porque você revê suas práticas, tenta coisas novas, novas metodologias e tenta atender o aluno de maneira global.

As ações de formação que você tem participado são elaboradas a partir dos problemas enfrentados pelos professores na escola?

Nem todos. Alguns vêm a atender a uma lacuna que ficou na formação acadêmica, principalmente nas partes práticas, parte das metodologias e alguns atendem sim essa necessidade, né que são esses que eu tinha falado mais voltado para as novas tecnologias.

O docente possui voz para sugerir, questionar, dialogar nos eventos de formação continuada?

Os que eu tenho feito possuem sim. Nós temos o fórum, que a gente pode entrar e colocar opinião. Claro que quando você coloca a sua opinião você também está aberto a receber respostas não muito agradáveis, né que também não vai de acordo com seu pensamento. Mas tenho sim, nos que eu tenho feito, não senti tolhida em nenhum deles.

Como você se vê na profissão docente? O que significa ser professor?

No momento, desvalorizada. Tanto pela sociedade, pelo governo e até pelos próprios alunos. Não vejo a profissão docente como sendo valorizada, então no momento me sinto desvalorizada como docente.

Pra mim, quando escolhi ser professora tinha muito aquela questão ideológica, de mudar o mundo. Principalmente na minha área que é ciências humanas, dava-se a impressão de que como professor eu tinha uma “arma”, um instrumento de mudança. Mas depois de alguns anos lecionando, você percebe que não é bem assim, né. Você faz assim, o possível, mas têm vários obstáculos. Mas pra mim, ser professor é ser agente de transformação. Quando eu consigo perceber meu aluno, claro que não são todos, mas ele se transformando, melhorando como pessoa, às vezes nem vai pra uma faculdade, mas você vê da onde ele veio, como ele veio e como ele saiu, eu acho que é isso que importa. Porque é você ver o fruto do seu trabalho ali, germinando né?!

Na questão da cidadania, do comportamento de abrir visão de mundo, possibilidades pro aluno. Então, eu acho, eu vejo assim o professor como agente transformador. Talvez não como eu pensava quando entrei na profissão, mas hoje eu vejo assim, que transforma de uma outra forma.

Em muitas famílias, o professor ele é o único que ouve o aluno, que tá disponível. Porque em muitas famílias, têm muitos pais de várias maneiras hoje, já não é mais aquela família tradicional que a gente conhecia, muitos os responsáveis trabalham o dia inteiro, têm pouco contato... então a gente percebe assim, que muitos alunos vê na gente uma pessoa que ele pode confiar, que ele acredita, que ele escuta e isso é muito bom.

Nas ações de formação continuada ocorre a reflexão sobre o que é ser professor hoje?

Não. Pelo menos nos que eu tenho feito, essa reflexão a gente não tem feito. Talvez assim, não de uma forma direta né, o que é ser professor hoje, mas eu acredito também que quando você está procurando se formar, você tá tentando essa atualização buscando ser um melhor professor, um professor adaptado ao século XXI. Então, de maneira direta eu não vejo, mas de maneira indireta nas entrelinhas acaba sim dando uma nova perspectiva para o professor.

Para você o que significa ter uma identidade docente?

Identidade docente... Difícil, né?! Quando a gente começa a trabalhar, o meu objetivo era que os meus alunos entrassem na faculdade, que eles tivessem esse sonho. Hoje eu já não vejo assim, eu vejo que se meu aluno conseguir se colocar no mundo atual como ser participante, consciente eu já fiz uma parte. Então, a identidade docente pra mim hoje é quando meu aluno consegue me enxergar como um meio de realização. Seja ela profissional, pessoal, né quando o aluno consegue me enxergar como alguém que ele pode confiar.

Quais aspectos você acredita que definem ou interferem na identidade de professor/a?

Olha hoje eu acho que interfere muito a questão do tempo. Infelizmente, essa desvalorização financeira né, não tava nem falando nisso ainda, que eu acho que não é o objetivo da entrevista, mas faz com que o professor precise trabalhar muito, então é difícil você ver o professor que trabalhe em uma escola só, em um emprego só, né.

Por necessidade mesmo você precisa trabalhar em dois lugares, às vezes não consegue aula em uma escola, tem que ficar seguindo de uma escola pra outra. Nós temos professores aqui de outra cidade que não conseguem completar a jornada na cidade e tem que ir pra outra, então acredito que essa questão do tempo faz com que o professor desmotive e

não se prepare de acordo. Às vezes ele até quer, mas aí depois ele tem uma outra jornada: a casa, o filho, o marido, e não consegue dar conta dessa gama.

Então acho que o tempo é uma coisa hoje que dificulta e outra coisa que eu vejo é o desinteresse. Eu não vejo os nossos alunos vendo a educação como um caminho de ascensão social, que pelo menos quando eu estava no ensino fundamental e ensino médio, eu via muito isso. A educação como sendo uma porta de ascensão. Meus pais não estudaram, minha mãe tinha até a 4ª série primária, meu pai tem curso técnico, fez depois de adulto. Então, eu pelo menos, sempre escutava dentro de casa que estudar era minha obrigação pra ser alguém na vida, e eu não vejo isso nos nossos alunos hoje.

Não sei se é a facilidade das coisas hoje, ou se é falta de perspectiva mesmo. Então esse desinteresse eu também acho que dificulta muito. Eu costumo dizer, que primeiro a gente precisa trabalhar o sonho do aluno. O sonho dele ver que através da educação ele pode alcançar maiores pilares, né.

Como eu vejo na minha casa, eu fui a primeira a fazer um curso superior. Depois, os meus irmãos que são mais velhos também fizeram, mas por conta do trabalho que “obrigou”. Mas eu lembro da alegria da minha mãe, ter uma filha universitária, coisa que ela coitadinha não conseguiu nem fazer o ginásio, na época. Então pra eles, foi a realização de um objetivo de vida, que era mostrar que com a educação a gente poderia ter uma ascensão social. E eu vejo que os nossos alunos não têm isso, eles não trabalham o sonho, parece que eles não têm perspectiva ou eles acham que as coisas são muito fáceis. Eu acho que ainda é um obstáculo, uma dificuldade. Então por mais que a gente fale que ele é capaz, que ele pode, têm os incentivos Pró Uni, SISU, coisas que vieram mesmo pra incentivar o aluno da escola pública, a gente vê que ainda tem uma certa parcela que reluta.

E não é só neles, a gente vê que a família também é acomodada, arrumou um emprego e já tá bom demais “Ah, já tá trabalhando”, não vê na educação uma perspectiva de melhora, uma melhora de salário, de posição social e até pessoal mesmo, que a educação te abre um mundo de possibilidades, então acho que esses dois fatores dificultam: o tempo do professor, que infelizmente acaba se desdobrando em vários, e aí não tem coragem de fazer uma leitura, ou de se atualizar melhor, fazer um curso e a questão dessa falta de perspectiva (do aluno).

O contato com outros professores nas atividades de formação continuada auxilia na construção da identidade docente? De que forma?

Auxilia sim, porque quando a gente tem contato com outras pessoas da nossa profissão, a gente vê novas possibilidades de trabalho e também te estimula psicologicamente. Às vezes você chega, e está desanimado, cansado, parece que está dando murro em ponta de faca porque a coisa não muda, você não vê transformação, então você tem esses momentos que você cai, né. Eu acho que isso é do ser humano, é até normal. Aí quando você vai pra formação, você tem esse contato com outros professores, aí tem aquele que é o entusiasta, o idealista, você acaba recuperando valores que você já tinha até deixado de lado, né.

Então além da experiência docente, que isso auxilia muito, você vê o que o outro fez, o que deu certo, por que você não pode tentar, você troca ideias, experiências e tem essa questão do ânimo, né. Acho que te dá um ânimo quando você estuda, fala “ai que bom, né”, falar com pessoas que gostam das mesmas coisas, acreditam nas mesmas coisas, então eu acho que auxilia nessa identidade nessa forma.

Você tem sugestões de reformulação dos programas de formação continuada para que possam atender suas necessidades de maneira mais significativa?

Olha, seria interessante se o professor pudesse fazer os cursos em horário de trabalho, porque o que impede muito é isso, né! Ele já trabalha em dois empregos, aí tem isso, tem aquilo e desmotiva. Seria uma sugestão, mas eu sei que é muito difícil e também assim

acredito que um incentivo do governo, do município, da onde o professor atua. Um incentivo financeiro ou incentivo de poder publicar, alguma coisa que desse incentivo pra esse professor fazer esses cursos de formação continuada. Acho que seria interessante!

Professora 2 – Formou-se em 1991 em Letras Português, especializou-se em Literatura Clássica em 1997, e concluiu o curso de Pedagogia em 2012 todos em uma Universidade Particular. Tornou-se Mestre em Comunicação em 2005 por uma Universidade Pública.

Qual a importância da formação continuada para você?

A formação continuada é necessária para enfrentar os grandes desafios da sala aula. Se o professor que termina a sua graduação achar que aquilo é o suficiente, aí está o grande equívoco, porque se ele não continuar estudando, vendo as novas teorias, ou até analisando teorias antigas comparando com as teorias novas, ele não vai conseguir fazer um bom trabalho em sala de aula. E mesmo porque o professor, ele precisa estar atualizado. Olha as novas tecnologias... Se o professor que entra na sala de aula não dominar as novas tecnologias, porque o aluno tem no seu celular, né, ele tem o domínio. E se ele não estiver aberto pra isso, porque o que ele fala em sala de aula, o aluno às vezes é só clicar no celular, ele acha tudo. Então o professor tem que estar aberto, tem que conhecer e inovar suas aulas também através das novas tecnologias pra que o aprendizado não seja só o professor falando, mas que ele perceba que o conhecimento está em todos os lugares. Por isso o professor tem que mudar, tem que estudar, tem que ir aprendendo com tudo que surge na sociedade, as inovações pra que ele possa desenvolver isso também em sala de aula, ligado entre o que ele diz e as novas tecnologias, ou seja, tudo que é novo que ele consegue inserir em sala de aula.

Você participa de ações de formação continuada? Com que frequência?

Sim, participo de ações de formação continuada. A frequência disso? Todas as vezes que tenho oportunidade. Todas as oportunidades que aparecem de formação, eu tenho participado, às vezes uma necessidade que eu tenho, também tenho ido atrás, porque sem formação não dá.

Os programas de formação continuada que você participa, são oferecidos pela rede de ensino gratuitamente ou financiados com recursos próprios?

Já fiz cursos oferecidos pela Rede do Saber, mas também outros sempre eu que financiei, eu que fui atrás e eu que paguei.

Quais os temas abordados nas ações de formação continuada que você tem participado?

Na maioria deles, práticas pedagógicas. As inovações das atividades que devem ser desenvolvidas em sala de aula. Então, está mais pra práticas educativas.

A formação continuada tem contribuído para sua atuação na escola?

Sim, tem contribuído. Todo educador, por mais que ele saiba às vezes até nessas formações aparecem coisas, atividades, práticas que ele conhece, mas ele não colocou em prática, então ele vai renovando o seu conhecimento e isso vem, é, acaba contribuindo com o aluno lá na sala de aula. Então a gente muda a forma de trabalhar... Às vezes trabalhamos de um jeito, sempre daquele jeito. Com esses cursos o leque se abre pra que isso se amplie e a gente renove nossa forma de trabalhar em sala de aula.

As ações de formação que você tem participado são elaboradas a partir dos problemas enfrentados pelos professores na escola?

Nem sempre. As pessoas que às vezes organizam esses cursos, elas não têm conhecimento do que acontece na escola. Elas dominam muito a teoria, mas a prática em sala de aula elas não dominam. Então o que a gente faz: com a prática que nós temos mais aquilo

que nos é passado e aí a partir daí nos formamos, nós organizamos uma nova forma de trabalhar em sala de aula.

O docente possui voz para sugerir, questionar e dialogar nos eventos de formação continuada?

Normalmente não. O docente ele até tenta, ele questiona, ele dialoga, ele expõe, né, a realidade em que ele vive, mas nem sempre o docente tem voz pra mudar, porque as coisas já vêm prontas. As coisas já vêm de certa forma, aquilo que eles querem que faça, mas não é aquilo que realmente acontece.

Nas ações de formação continuada que você tem participado, os formadores propõem que você participe da elaboração dessas ações (desde definição dos objetivos, temáticas, recursos ou até a condução dessa formação) ou as atividades já chegam prontas aos professores? Você gostaria de participar mais efetivamente das construções dessas ações? Por quê?

Como as coisas já vêm prontas, eu gostaria sim de participar. Eu sempre falo que quando eles pensam em fazer, elaborar um curso, organizar uma formação, eles deveriam primeiro sentar com os professores da Educação Básica, conversar com eles, ver a realidade que eles vivem quais as necessidades que eles têm pra depois organizar um curso, organizar uma formação. Porque se tivesse essa interação, né, essa troca de experiências, com certeza as formações seriam muito mais aproveitadas.

Como você se vê na profissão docente? O que significa ser professor?

Pra mim a profissão mais nobre que existe, é do professor. O professor ele trabalha com formação, o professor é aquele que vai contribuir pra que a pessoa, o aluno norteie a sua vida. O professor é aquele que vai levar pro aluno algo que vai contribuir para sua vida tanto pessoal como profissional. Hoje estou cansada, mas eu sou encantada com a minha profissão, sou apaixonada pela minha profissão. Acho que ser professor é.. Eu por exemplo, não consigo me vê em nenhuma outra profissão, porque quando eu entro na sala de aula eu esqueço meus problemas, eu olho pro meu aluno como um ser humano em construção. Por isso, eu procuro falar com eles, mostrar pra eles tudo que vai ser importante pra vida deles, e que tudo não só depende do professor, mas depende muito mais deles. Então isso me encanta isso me emociona, saber que eu to contribuindo para aquela pessoa lá no futuro, né, que ela vai ser alguém. Quando a gente fala que vai ser alguém, não é que ela não seja ela já é alguém. Só que ela vai poder pensar em que ela pode melhorar a situação de vida, que ela pode melhorar a vida dela através da educação. É assim que eu vejo: como um instrumento que pode contribuir pra formação dessa pessoa, tanto no âmbito pessoal como profissional.

Nas ações de formação continuada, ocorre a reflexão sobre o que é ser professor hoje?

Às vezes sim... Ocorre sim. Algumas questões falam desse novo professor. Que o professor hoje é um professor bem diferente do professor de antigamente. O professor antigamente chegava à sala de aula, subia no seu tablado e ali ele falava com seus alunos. Hoje não. Hoje o professor entra na sala de aula, ele tem que interagir com seus alunos. Esse professor tem que saber às vezes até dos problemas que esse aluno está passando, esse professor tem que estar ligado, conectado com o mundo aqui fora e o mundo da sala de aula, e esse professor tem que fazer essa ponte entre a sala de aula, o mundo e a realidade que esse aluno vive.

Pra você o que significa ter uma identidade docente?

Questão difícil, né?! Pra mim, o que significar ter uma identidade docente... Eu acho gratificante ter essa identidade docente... Porque, as pessoas olham pra você e já te identificam como professor, só a forma de falar, às vezes a forma de comentar alguma coisa e às vezes até a forma de se vestir. As pessoas falam assim: “olha, você é professora, você é professor”, e pra mim isso é gratificante, é nobre e me traz satisfação. Porque eu sei que se alguém me fala: “Oi, dona, você foi minha professora”. Às vezes você não se lembra, mas dizem “você fez isso, fez aquilo, você contribuiu muito pra minha formação”, então isso ficou marcado na vida desse aluno e eu enquanto professora, eu fico... Eu vejo que eu cumpri com meu papel de docente, né, de professor. Eu não falo só de docente, mas de educador, né.

Quais aspectos você acredita que definem ou interferem na identidade do professor?

Postura, estudo e conhecimento. O professor que busca ampliar seus conhecimentos, faz com que ele seja um profissional melhor e também o define como um bom professor. E isso interfere nessa identidade. Como eu já disse, a postura enquanto docente é uma postura diferenciada. O professor é aquele que vai através das suas atitudes ser exemplo para que o seu aluno veja que a sua atitude às vezes tem que ser mudada, ele tem que pensar como agir, de repente, na sociedade. Então o professor começa pela sua postura e em segundo momento o conhecimento. Se ele não estudar, não ampliar, se ele não tiver essa formação continuada igual você tá falando, vai ser complicado construir a sua identidade.

O contato com outros professores nas atividades de formação continuada auxilia na construção da identidade docente? De que forma.

Sim, o contato com outros professores na atividade de formação com certeza auxilia, pois é na troca de experiências que se dá essa construção também da identidade docente, porque cada um com sua experiência vai ajudando o outro a ser professor também.

Você tem sugestões de reformulação dos programas de formação continuada para que possam atender suas necessidades de maneira mais significativa?

A minha sugestão é que todas as vezes que educadores forem organizar cursos de formação continuada, programas de formação continuada, que eles interajam com os professores que estão trabalhando em sala de aula, porque a partir dali eles vão identificar as necessidades desse professor, né, desse docente e vão pesquisar teorias e práticas que venha ao encontro das necessidades desse professores em sala de aula. Isso já deveria começar na formação, lá na universidade. O PIBID é um Programa Institucional que vai dar apoio aos graduandos de licenciatura, tem ajudado na formação desses futuros professores a ser um professor diferenciado em sala de aula, mas o que tem acontecido: Eles vão lá em lócus, lá eles aprendem com outros professores o que eles poderão e o que eles não deverão fazer enquanto docente. Então, pra mim todo programa de formação de professor não tinha que vir de cima, tinha que primeiro ir à base, o que é necessário, o que é importante e o que é urgente pra contribuir pra formação dos futuros docentes e daqueles mesmos nessa formação continuada, aqueles que já estão atuando em sala de aula. Porque se nós pesquisarmos não há nenhum manual de práticas educativas, não existe. Existem sugestões e que muitas vezes elas vão ‘de’ e não ‘ao’ encontro das necessidades desse professor que está em sala de aula.

Você se sente valorizada na profissão docente?

Na profissão docente enquanto professora e aluna algumas vezes sim, aliás, muitas vezes. Eu vejo o aluno que tem interesse, quer estudar e aí eu me sinto uma pessoa realizada, porque eu sei que o aluno está aprendendo e que tudo aquilo que é desenvolvido com eles em

sala de aula, ele sabe que vai contribuir pra formação na vida deles. E quanto ao lado econômico, financeiro vejo que não, não há valorização, porque o professor pelo que ele estuda, se ele tem essa formação continuada, ele não é valorizado pelo sistema educacional, pelo governo.

A minha sugestão para a valorização do professor em primeiro lugar, deveria ser a infraestrutura da escola. A escola não acompanha a evolução da sociedade e deixa a desejar em questão tecnológica, de um ambiente mais agradável para os alunos. Pra mim a primeira valorização do professor seria essa, dando condições para o professor trabalhar melhor em sala de aula. A segunda valorização é a questão do salário. O salário do professor, muitos alunos saem do 3º ano do ensino médio saem ganhando mais que o professor... Então teria que verificar se o professor estuda e continua estudando, porque professor que é professor sempre vai continuar estudando, tendo uma formação continuada, esse professor tem que ser valorizado, não por provas de mérito, isso não existe, mas sim pelo seu trabalho desenvolvido em sala de aula e também pelos resultados obtidos a partir da sua dedicação em sala de aula. E um outro aspecto que também deveria ser melhorado para que o professor pudesse desenvolver seu trabalho, é a quantidade de alunos em sala de aula. A sala de aula não é um amontoado de pessoas que o professor tem que dominar, longe disso. A sala de aula é um lugar onde se coloca pessoas e o professor tem que contribuir e orientar esses alunos da importância da educação na sua formação. Mas em salas lotadas, com professores desvalorizados, é impossível que isso ocorra.

Professor 3 - É formado há 25 anos em matemática, há 4 anos em química e há 3 anos em física. Atua há 25 anos no estado e há 21 anos na rede particular, ambos como professor de matemática.

Qual a importância da formação continuada para você?

Bem, olha só. A princípio ela é importante na formação pessoal como profissional. Enfim, o governo incentiva esse tipo de formação, só que muitas vezes a maioria dos professores não consegue participar porque eles têm jornada dupla. Porque o salário hoje é tão baixo que a gente tem que se sujeitar a isso.

Você participa de ações de formação continuada? Com que frequência?

As oferecidas pelo estado não tem como porque eu tenho jornada dupla. Quer dizer, eles oferecem em horário não compatível. Mas em outras escolas participo sim.

Quem oferece esses cursos que você participa?

A escola particular onde dou aula.

Quais os temas abordados nas ações de formação continuada que você tem participado?

A escola oferece informática, eletrônica então eu procuro participar de todos esses eventos, porque lá é uma escola técnica onde eu uso isso. Então quer dizer, é uma ação constante que a escola proporciona para todos os professores em horário compatível.

A formação continuada tem contribuído para sua atuação na escola?

Muito, muito.

As ações de formação que você tem participado são elaboradas a partir dos problemas enfrentados pelos professores na escola?

Sim, olha só. Eles questionam o que ocorre durante o bimestre e depois o curso é elaborado a partir disso.

O docente possui voz para sugerir, questionar e dialogar nos eventos de formação continuada?

Sim.

Nas ações de formação continuada que você tem participado, os formadores propõem que você participe da elaboração dessas ações (desde definição dos objetivos, temáticas, recursos ou até a condução dessa formação) ou as atividades já chegam prontas aos professores? Você gostaria de participar mais efetivamente das construções dessas ações? Por quê?

Então, olha só. Existem algumas que a gente participa e outras não, já vem elaborada. Mas olha, a questão de participar efetivamente, em alguns temas sim, mas em outros não vejo o porquê.

Como você se vê na profissão docente? O que significa ser professor?

Então... O professor ele não tem o cargo compatível com o ganho. O professor hoje é um mestre, ele transmite conhecimento, tá fazendo papel de pai, mãe, psicólogo, amigo, irmão, enfim... A escola hoje é um palco onde a criança vem com frustração, desejo e tal e é onde a gente tenta acatar a tudo isso. Então, como professor eu me sinto bem, é isso que eu escolhi e estamos aí, na luta.

Nas ações de formação continuada que você ocorre a reflexão sobre o que é ser professor hoje?

Às vezes sim, às vezes não.

Pra você o que significa ter uma identidade docente?

Obter os valores acima do que a sociedade prevê.

Quais aspectos você acredita que definem ou interferem na identidade do professor?

O salário baixo, né, as classes com uma lotação acima do permitido, a falta de pré requisito desses alunos que estão chegando e uma outra coisas que olha só, o ensino hoje ele é distante do aluno. Ele não significa muita coisa, então eu acho que esse aspecto aí interfere na identidade do professor. O que a gente tem que tentar fazer é buscar uma maneira de interferir nesse processo pra que ele obtenha o conhecimento.

O contato com outros professores nas atividades de formação continuada auxilia na construção da identidade docente? De que forma.

Auxilia sim, a partir do momento em que se troca experiências, mudamos algumas atitudes nossa para buscar uma maneira mais objetiva de oferecer um ensino de qualidade pro educando. Eu acho que esse aspecto é plausível.

Você tem sugestões de reformulação dos programas de formação continuada para que possam atender suas necessidades de maneira mais significativa?

Então, olha só. Eu não participo dessas formações ministradas pela Diretoria de Ensino. Nas que eu participo (oferecidas pela rede particular em que atuo) a gente interfere. Existe um problema de classe a gente levanta um tema, estuda em cima disso e interfere. Então eu acho que deve continuar assim.

Professora 4 - Formou-se em 1989 por uma Universidade Pública em Educação Física. Trabalhou anteriormente em academias, depois de formada prestou concurso, se efetivou e começou a dar aula na rede estadual. Posteriormente teve oportunidade de cursar Pedagogia por uma Universidade Privada com objetivo de complementar seu trabalho como professora.

Qual a importância da formação continuada para você?

Acho importantíssima porque a gente aprende ensinando continuamente, o tempo todo a gente está aprendendo e aprendendo com eles também ali no cotidiano e sempre tem alguma coisa pra aprender. Então a gente tem que estar buscando conhecimento sempre, sempre tem que ter esse respaldo da rede também, oferecer esses cursos pra gente, porque às vezes a gente tá tão no dia a dia, com tantas aulas que a gente tem na nossa carga horária que às vezes não sobra tempo, então às vezes a rede oferece pra gente online, numas ‘brechas’ que a gente tem, a gente consegue fazer algum tipo de formação que é muito importante pra gente. Fora o que a gente aprende com os alunos também no nosso dia a dia. É uma troca, vejo como uma grande troca o ato de ensinar, troca de energia e de conhecimentos.

Você participa de ações de formação continuada? Com que frequência?

Sim sempre que possível. Com a carga horária grande que a gente tem, sobrando uma brezinha a gente faz os cursos online que são oferecidos e que a gente pode adequar ao nosso horário. Eu acho que essa novidade do EAD, a gente pode ter mais oportunidades de fazer mais capacitações e mais orientações pra nossa prática com o EAD.

Os programas de formação continuada que você participa, são oferecidos pela rede de ensino gratuitamente ou financiados com recursos próprios?

Com recursos próprios não, porque no meu caso na educação física vem pelo CREF pra gente folhetim em casa, é sempre muito longe. Eu teria que estar, por exemplo, abrindo mão da minha carga horária, arcando com as minhas faltas e no caso não dá pra eu fazer, então fica meio difícil.

Quais os temas abordados nas ações de formação continuada que você tem participado?

Basicamente é o currículo que a gente tem visto nas ultimas capacitações que a gente tem feito, que a gente tem trabalhado com afimco nas escolas ultimamente é a base, o currículo, então a gente tem procurado se especializar nos conteúdos do currículo mesmo.

A formação continuada tem contribuído para sua atuação na escola?

Com certeza, né. Me dá maior firmeza, maior convicção de tudo que eu tenho feito, maior segurança do trabalho, eu tenho mais material pra diversificar minha prática e minha didática de ensino. Tudo isso dá mais segurança no processo de ensino e aprendizagem.

As ações de formação que você tem participado são elaboradas a partir dos problemas enfrentados pelos professores na escola?

Bastante coisa sim. Tem algumas coisas que a gente vê e que foge um pouquinho da realidade, só quem vivencia a prática que conhece no real, o que é uma sala de aula, quais são os problemas no dia a dia e que tem que ter aquela tomada de decisão rápida pra se sair bem em uma ou outra situação de problemas com alunos que existem. Mas me dá um respaldo grande na parte teórica. Bastante respaldo tenho encontrado sim. O que foge um pouquinho às vezes é na parte prática. Numa situação real do dia a dia que tem a tomada de decisões, isso sim às vezes eu vejo um pouquinho de dificuldades.

O docente possui voz para sugerir, questionar e dialogar nos eventos de formação continuada?

Olha, nesses cursos que a gente tem feito, principalmente nos cursos EAD das formações, a gente tem sim bastante canal de opinião que a gente pode ou devolver alguma questão que a gente não tenha entendido ou pôr uma situação prática pra uma discussão do grupo, então é bem legal essa troca, é bem funcional sim.

Nas ações de formação continuada que você tem participado, os formadores propõem que você participe da elaboração dessas ações (desde definição dos objetivos, temáticas, recursos ou até a condução dessa formação) ou as atividades já chegam prontas aos professores? Você gostaria de participar mais efetivamente das construções dessas ações? Por quê?

Então, acho que eu respondi um pouquinho dessa questão na anterior. Vêm assim atividades pra gente colocar pro grupo, pra gente agir junto, em tarefas pra gente elaborar na sua escola e depois postar pro professor essas tarefas pra depois conversar com ele o resultado disso, pôr em prática novamente o que não deu certo. Tem momentos sim, momentos que já vem tarefas prontas, questões prontas já elaboradas e momentos em que a gente é o autor da situação.

Como você se vê na profissão docente? O que significa ser professor?

A primeira coisa que a gente escuta, todo mundo fala e é uma verdade, no meu caso e no caso de todos os meus colegas, se você não gostar do que você faz você não vai até o fim da sua carreira, porque são muitos os desafios, é um dia a dia cansativo que você tem que tá aberta pra todo tipo de situações, né, no seu dia a dia. Então se você não gostar do que você faz já é uma barreira grande. Você tem que estar aberta a eles (aos alunos), porque eles vêm sempre com diferentes realidades, né, todo dia é uma realidade diferente. Às vezes eles tão bem, às vezes não tão bem na sala de aula. São realidades completamente diferentes. Às vezes estão abertos aos conteúdos que você quer passar, às vezes naquele dia a sala não rende você tem que mudar totalmente o que você preparou para aquele dia. Então é assim, você tem que ter muita criatividade, muito jogo de cintura e gostar principalmente, muito do que você faz, gostar do ser humano, porque senão o trabalho não rende e você também não se realiza como pessoa, como profissional. Então eu sei que todo mundo deve falar a mesma coisa, mas isso é muito importante: primeira coisa, você tem que gostar do que você faz pro resto fluir como um todo, como uma profissão assim pra você se realizar plenamente.

Atualmente você se sente realizada na profissão?

Olha minha querida, com todos os desafios principalmente todo mundo falando a mesma coisa, que o salário tá desvalorizado, a profissão tá desvalorizada... É a minha profissão! Embora a gente esteja desgastado até na mídia, né, se a gente não tiver bem no que a gente faz, a gente não acorda todo dia pra vir trabalhar. A gente não acorda todo dia, se a gente não tiver uma meta, um objetivo. Então assim, eu procuro sempre pôr objetivos durante o ano. O que eu quero pra cada sala de aula, o que eu quero pra cada ano letivo, pra me motivar, pra atingir meus alunos, atingir metas com os meus alunos, com eles, eles me dando retorno e eu dando retorno a eles também, pra que eu possa cumprir tudo que eu tenho que fazer durante o ano com eles e que seja de maneira prazerosa, produtiva, pra que a gente se realize de uma maneira geral: eu com eles e eles comigo também. Então eu procuro ser agradável pra eles, pra que a gente possa ter um ambiente saudável dentro de sala de aula, principalmente porque na nossa matéria, eu acredito que a gente tem maior liberdade com eles, a gente tem uma maior contato né, se tratando de educação física que é a minha disciplina. A gente tem o maior contato, maior laço de amizade, a gente trabalha o corpo do aluno, isso dá um maior entrosamento com eles, um laço afetivo maior. Eu sou privilegiada,

né, nesse sentido, então eu acredito que eu tenho que traçar metas pro dia a dia, pra poder me realizar. Se eu ficar só pensando no que a mídia ta falando, no meu salário aí é desmotivador, então eu tenho que traçar os meus próprios objetivos.

Nas ações de formação continuada que você ocorre a reflexão sobre o que é ser professor hoje?

Então, sempre. Em todo momento a gente refletia, tem o bate papo do grupo, onde cada um podia por uma questão que o professor dava, por exemplo, e a gente debatia com o grupo essa questão, no dia a dia de escola mesmo: ‘olha aconteceu comigo dessa maneira’ ou ‘comigo não foi assim’. Então era bem reflexivo sim.

Pra você o que significa ter uma identidade docente?

Totalmente ser professor, né. É a identidade da gente, da profissão mesmo. É incorporar isso, independente de como a mídia tem passado a informação que a gente, né, uma profissão desvalorizada, se tratando de salário e pessoa mesmo como formação é a gente se identificar como professor, encarar isso, gostar do que faz, traçar metas como já te falei, metas pra você mesmo no seu dia a dia e ir em frente, porque se não fica muito difícil você trabalhar.

Além dos aspectos já citados, você acha que existe algum outro ponto positivo e/ou negativo que possa interferir nessa identidade?

É o que eu falei, a mídia está desvalorizando a gente totalmente, né?! Você acaba incorporando isso, porque realmente é tudo que tem se falado mesmo. A gente não pode falar que nós não estamos desvalorizados, né, até como uma questão de nota dentro da escola como a gente pode saber, pra quê que a atribuição de nota se o aluno vai passar de ano, , pra quê eu vou trabalhar se o meu salário não vai dar. Então assim, a própria desvalorização da sociedade já é uma coisa que nos descaracteriza. É difícil pra gente manter a profissão, e falar assim ‘não, eu sou professora, vou continuar sendo professora’. Tenho que acreditar na profissão de professor, então, é um exercício diário, um exercício com os colegas. Um colega estando menos acreditado é difícil pra gente conviver e estimular esse profissional também, porque é o nosso trabalho, eu dependo desse trabalho, tenho que estar bem dentro desse trabalho, senão eu não realizo um bom exercício da profissão, então eu acredito que é um dos maiores desafios da minha vida hoje, em 2015 ser professora. É o que eu falei, traçando metas diariamente, mensalmente e anualmente pra ouvir tudo que a gente ouve falando e descaracterizar isso na prática diária, porque se eu levar pra dentro da sala de aula todo descontentamento, toda frustração por trás da profissão, eu não trabalho mais nenhum dia sequer. Eu tenho que descaracterizar isso, passando pra mim mesma, olha, eu quero isso com tal sala, vamos ver se eles atingem junto comigo, me estimulando no dia a dia pra eu acreditar novamente que eu sou uma boa professora, que eu tenho como fazer o meu aluno se tornar um bom cidadão que eu acho que é um dos principais objetivos do professor em dia, não só de conteúdos, de currículo, mas sim tornar o aluno um cidadão íntegro, um cidadão que conviva em sociedade, ainda mais se tratando aqui da prática da educação física, né . Que ele conviva e saiba estabelecer normas pra ele, na vida dele, saiba viver em sociedade, saiba conviver com o próximo, saiba cuidar de si mesmo, do próprio corpo. É isso que eu tento no meu dia a dia.

Você tem sugestões de reformulação dos programas de formação continuada para que possam atender suas necessidades de maneira mais significativa?

Eu acho que os cursos que eu fiz, foram bem orientados, tinha o canal aberto, que a gente podia dar bastantes sugestões. Quanto mais oportunidade tiver melhor. Os cursos EAD foram uma grande conquista pra gente, porque a gente pode adequar o nosso horário a eles. Então assim, que tenham cada vez mais oportunidades pra gente, só isso.

Professora 5 - Ministra a disciplina de Matemática, é formada por uma Universidade Pública em Ciências com habilitação em Matemática, possui especialização em Ciências e Matemática, também pela Rede Pública e atua na área há mais de 25 anos.

Qual a importância da formação continuada para você?

É importante, porque a gente vai se atualizando. Eu como professora formada lá (na Universidade Pública), sempre que oferecem eu volto a fazer os cursos lá, e eu acho importante porque por mais que a gente tenha uma experiência grande em escola estadual e particular, sempre tem alguma coisa que acrescenta principalmente na minha área que é matemática. Alguém que tem um estudo, uma experiência, vivência maior do que a sua, ele te apresenta... Você vai numa palestra, num curso sempre alguma coisa vai acrescentar que você pode trazer aqui pro ambiente da escola, para os alunos. Eu acredito que é importante e interessante.

Você participa de ações de formação continuada? Com que frequência?

Eu já fiz vários cursos de formação continuada. Sempre que possível, participo a cada 2 anos. Ultimamente tenho feito aqueles seminários oferecidos pela UNESP que tem dois por ano, vou lá, faço um. O último foi no ano passado, esse ano não fiz.

Os programas de formação continuada que você participa, são oferecidos pela rede de ensino gratuitamente ou financiados com recursos próprios?

Com recursos próprios não. Qualquer curso que eu faça ou é oferecido pelo estado, pela Universidade Pública, ou pela Rede Particular. Sempre oferecido assim. Não faço com recurso próprio.

Quais os temas abordados nas ações de formação continuada que você tem participado?

Os temas são mais direcionados mesmo à educação. Muitas vezes abordagens sobre disciplina em sala de aula, tecnologia tem se falado muito, o uso de novas tecnologias no ensino. Tem abordado mais este tipo de questão.

A formação continuada tem contribuído para sua atuação na escola?

É o que eu comentei, sempre contribui um pouco, porque alguma coisa diferente que você aprende e acrescenta, você vem em sala de aula e comenta com os alunos ou se é da parte de tecnologia você tenta utilizar também pra chamar mais atenção, porque hoje está muito difícil o interesse por parte dos alunos, então se você pode utilizar alguma coisinha diferente que desperte em uma ou outra aula alguma coisa mais interessante pra eles, eu acredito que vale a pena sim.

As ações de formação que você tem participado são elaboradas a partir dos problemas enfrentados pelos professores na escola?

Geralmente sim, porque eu acredito principalmente quando vem da universidade, eles vão mexer com professores da rede, eles já têm essa preocupação de discutir os problemas que a gente enfrenta em sala de aula e procurar proporcionar alguma coisa que possa nos ajudar, então eu acredito que sim.

O docente possui voz para sugerir, questionar e dialogar nos eventos de formação continuada?

Eu participar? Sim, eu gosto de participar e perguntar, às vezes não em público, muitas vezes tem sempre um grupo que gosta de falar mais, destacar, mas se eu tiver alguma

oportunidade de participar e pergunta. Nas reuniões em grupos menores, num café quando eu posso conversar com palestrante, com outros professores, ou que já forem meus professores é sempre interessante você dialogar, trocar uma ideia, passar o que ta acontecendo aqui. Muitas vezes eles estão em um outro ambiente e não sabe o que acontece aqui no ambiente da escola, da nossa escola no ensino fundamental e médio. Então a gente troca essa ideia e eu acho bem interessante, eu gosto de conversar e participar.

Nas ações de formação continuada que você tem participado, os formadores propõem que você participe da elaboração dessas ações (desde definição dos objetivos, temáticas, recursos ou até a condução dessa formação) ou as atividades já chegam prontas aos professores? Você gostaria de participar mais efetivamente das construções dessas ações? Por quê?

Eu acredito que venha mais pronta né. Às vezes alguma coisa mais pra gente discutir, no final às vezes pedem pra gente dar sugestões do que se poderia fazer, mas seria bom a gente poder participar mais, por causa da experiência que a gente tem aqui com o ensino fundamental e médio e de repente propor alguma coisa. Quando eu participo e no final tem sugestões eu proponho algum tema, alguma coisa que é mais difícil a gente trabalhar aqui, e de repente tem uma ideia diferente que eles possam passar pra gente discutir e trabalhar. Então eu acredito que a gente poderia colaborar mais sim.

Como você se vê na profissão docente? O que significa ser professor?

Pra mim é importante. Eu sempre me via assim nessa área de educação. Eu acho que a gente tem enfrentado muitos problemas de indisciplina, de tudo, falta de interesse, mas eu acredito que a formação que eu tive, nas duas escolas que estudei e voltei a trabalhar e estou há anos já. Então parece que é uma missão eu voltar e ser educadora que eu vi os meus educadores naquela época pra eu fazer o melhor que eu posso. Eu gosto de ser educadora, eu acredito que eu nasci pra isso mesmo. Às vezes a gente reclama assim e tal, mas eu de repente não consigo me ver em outra profissão. Eu acredito que eu já tive esse dom, continuei e vou até eu aguentar.

Nas ações de formação continuada que você ocorre a reflexão sobre o que é ser professor hoje?

Sempre, todos. Você vai em um curso seja só de um dia, trinta horas, sempre tem uma discussão a respeito. Acredito que os professores hoje estão enfrentado uma fase muito difícil com essa clientela que não tem interesse então chega lá nesses cursos, todo mundo quer expor, parece um desabafo sobre o que está acontecendo. Mas eu vejo também ao mesmo tempo eu vejo que muitos não querem só reclamar, naquele momento é um desabafo, mas depois eu vejo que a maioria que está ali quer buscar alguma coisa que se não for pra acabar, aliás, acabar não vai, mas pra minimizar os problemas que têm na escola e procurar fazer alguma coisa melhor, em busca de alguma mudança, de melhoria. Então, acredito que seja isso.

Pra você o que significa ter uma identidade docente?

Identidade docente...Ser professor, educador, sempre, de verdade, querer fazer o melhor, se organizar, estudar, se aperfeiçoar. Acredito que é ser sempre professor, sempre educador, enfrentando qualquer problema e assim acreditando ainda que existe um grupo de alunos que está dependendo de você aqui, que vai pra frente. Quantos você já viu com uma formação, que foram seus alunos, sucesso aí, Isso que eu acho que é ser professor. Você tem essa identidade pro resto da sua vida. Você ter o reconhecimento de várias pessoas, vários profissionais que você contribuiu ali. É ser professor sempre, ser educador de verdade.

Quais aspectos você acredita que definem ou interferem na identidade do professor?

Eu acredito que pra ser mesmo professor de verdade, uma boa formação e respeito pelo trabalho docente. Você fazer sempre buscando o melhor, tentando respeitar o aluno, a dificuldade que vários apresentam também. A formação, o aperfeiçoamento, o relacionamento com todos da área da educação... É isso.

O contato com outros professores nas atividades de formação continuada auxilia na construção da identidade docente? De que forma.

Ah, porque eu acredito que todos têm uma forma trabalhar, uma coisa diferente. Por mais que você tenha que desenvolver os mesmos conteúdos, um fala uma coisa às vezes pra você, que te acrescenta, que você vê que pode usar no seu dia a dia. Você também com sua experiência pode falar alguma coisa, comentar, ensinar, sei lá. É uma troca de experiências, não tem como você falar: 'eu sou professora sozinha eu sei, eu me viro, não dependo de ninguém'. Você está sempre em contato com outros seja na escola particular, estadual em um curso que você vai e cada uma contribui com alguma coisa diferente da experiência, da sua formação, suas atividades cotidianas, contribui. Eu acho legal, interessante essa troca de experiência.

Você tem sugestões de reformulação dos programas de formação continuada para que possam atender suas necessidades de maneira mais significativa?

Olha sugestões... Eu acredito assim, que na minha área, por exemplo, que é a matemática está muito difícil ultimamente. A programação que você tem que desenvolver não é mais pra essa realidade dos alunos que nós temos aí, então, a minha proposta na área seria uma mudança, mas isso não depende da gente, da gente ir lá e fazer os cursos, da universidade. Bom, acho que a universidade está até um passo a frente pra conseguir alguma coisa desse tipo, já que ela é formadora também dos professores, tem os cursos de licenciatura, de uma mudança na programação no nosso conteúdo, porque tem muitos conteúdos aí que no ensino médio principalmente eu acredito que não deveriam mais ser trabalhados, e no lugar deles colocá-los de uma forma melhor assim, por exemplo, matemática financeira, estatística alguma coisa da matemática mas contextualizada, voltada pra eles, pra ver se chama um pouco mais de atenção, desde os pequenos até chegar aqui no ensino médio, porque nós estamos insistindo em uma programação onde o aluno vem sem base por diversos fatores, do ensino fundamental I, com muitos problemas, também pro II cheio de dificuldades, falta de pré requisitos, etc., e então eu acredito que tem que ter uma reformulação na programação dos cursos do ensino fundamental e médio em relação a matemática pra poder ajudar a gente, porque a gente tem que seguir, foi o que eu vi no último curso os professores discutindo com o palestrante. Você tem que seguir uma programação que não é interessante pro aluno e de repente se você pudesse substituir por alguns outros conteúdos, teria uma aplicação melhor na vida dele, mais significativa. Então nossa área sofre em relação a isso. Nós somos amantes da matemática, gostaríamos de passar de tudo, mas você vê que em cada classe é um grupo bem reduzido de alunos que gosta e que realmente consegue acompanhar o que você tem que oferecer. Então, pra atingir um grupo maior tinha que haver uma mudança principalmente no ensino médio, desse conteúdo, dessa nossa programação, porque senão vai ficando cada vez mais difícil você atingir um grupo maior de alunos.